

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — MEC
FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO — MOBIL
DEPARTAMENTO TÉCNICO-EDUCACIONAL — DETED
DIVISÃO DE AVALIAÇÃO, MÉTODO E PESQUISA — DIAMP

EDUCAR
DIDOC
BIBLIOTECA
INDEXADO

N.º 101
DIAMP

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DO PAF

RELATÓRIO FINAL

Elaboração:

- MARIA ELIZABETH BRAGA MURTINHO
- MARIA FERNANDA REZENDE NUNES

Colaboração no Projeto:

- ELIANE RIBEIRO ANDRADE
- MARIA DE FÁTIMA AZEVEDO LOPES DA COSTA
- SIMONE ISNARD DE MARACAJÁ
- COORD/RJ-NORTE

maio/1985

I N D I C E

I - INTRODUÇÃO

II - METODOLOGIA

III - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. A PALAVRA GERADORA
2. DIVISÃO POR UNIDADES
3. O LIVRO-CADERNO
4. AS PALAVRAS
5. O MANUAL
6. CAPACITAÇÃO

IV - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

* * *

reforçar

I - INTRODUÇÃO

O presente documento busca sintetizar os resultados contidos nos relatórios parciais da "Avaliação do Material Didático do Programa de Alfabetização Funcional", facilitando a leitura aos que desejarem ter uma visão geral do trabalho.

Nesse sentido foram retirados todos os depoimentos dos técnicos e das COORD, e itens que a equipe julgou dispensáveis para este fim. O leitor interessado poderá encontrar estes dados nos dois relatórios parciais.

Em relação à 4ª etapa, que contemplou o estudo das ilustrações, optamos por não incluí-la neste documento, por se tratar de um aspecto que mereceu uma pesquisa específica e, como tal, tem o seu próprio relatório.

II - METODOLOGIA

1ª etapa:

A 1ª etapa foi a avaliação do material didático feita por técnicos do MOBRL Central que já tinham experiência nos diversos aspectos que envolvem o material didático e ao mesmo tempo que não tinham participado da elaboração do material, são eles: Álvaro Milanez (DETED), Andrêa Mandim (DEOPE), Marcia Meireles (GABIN), Maria do Socorro Dourado (DEOPE), Maria Lucia d' Aquino (DECOM), Mário Elber (DETED), Regina Avelar (DETED), Renato Barbosa (DETED), Sonia Kramer (DETED), Sonia Kritz (DETED), Tarciso Paixão (DETED).

Além disso, foi solicitada a avaliação de:

- 4 especialistas em educação que não têm vínculo com o MOBRL, tendo sido recebidas as avaliações de:
- .. ROSEMARY MESSICK — professora visitante da UFRJ, especialista em material didático.
 - .. MARIA YVONE ATAÉCIO DE ARAÚJO — mestre em Educação e alfabetizadora, especialista em métodos de leitura.
 - .. Das Secretarias Municipais de Educação de Cabo Frio e Petrópolis, municípios onde foi realizado o trabalho de campo (2ª etapa) — tendo sido recebida apenas a avaliação da Secretaria de Cabo Frio.
 - .. Da COORD/RJ-Norte que, além de participar ativamente de todo o trabalho de elaboração do projeto e instrumentais, optou por selecionar um grupo de técnicos da Coordenação que se detiveram mais profundamente nesta avaliação.

Para esta avaliação os técnicos, especialistas e entidades, receberam roteiros (ANEXOS 1 e 2) que buscavam contemplar os aspectos que envolvem um material didático.

2ª etapa

A 2ª etapa do trabalho compreendeu os seguintes momentos:

- . discussão do projeto de avaliação com técnicos da COORD/RJ-Norte;
- . observação da capacitação de alfabetizadores no município de Petrópolis;
- . observação de duas realimentações de alfabetizadores nos municípios de Petrópolis e Cabo Frio (final do 2º e do 4º mês);
- . visita a 7 classes por município, por ocasião das realimentações observadas.

A seleção dos municípios

Através dos contatos mantidos com a COORD/RJ-Norte foram selecionados os municípios de Cabo Frio e Petrópolis para nosso trabalho de campo, na medida em que apresentavam:

- . características distintas
- . fácil acesso às classes
- . COMUN estruturadas
- . alfabetizadores novos e antigos.

Cabe ressaltar que esta COORD não recebeu capacitação (1) do MOBRAF Central, o que tornaria desejável o envolvimento de uma segunda COORD com estas características. No entanto, por problemas financeiros, não foi possível um trabalho mais abrangente.

A capacitação dos alfabetizadores de Petrópolis

Tinha sido prevista a observação da capacitação de alfabetizadores nos dois municípios selecionados, no entanto, dada a demora na aprovação do projeto, não foi possível nossa participação na

(1) Quanto ao uso do novo material.

capacitação de Cabo Frio, uma vez que esta já havia sido realizada.

. 1ª ida a campo

Nesta viagem, os técnicos responsáveis realizaram as seguintes atividades:

- . contatos com a COMUN e Secretaria;
- . caracterização dos municípios;
- . seleção das classes, conjuntamente com a COMUNE SA;
- . visita às classes selecionadas, utilizando-se um roteiro de observação;
- . observação da realimentação dos alfabetizadores.

. 2ª visita

Através dos subsídios recolhidos na primeira ida a campo, optou-se por estruturar mais a segunda viagem do que o previsto inicialmente pois, como observamos na 1ª visita, tornava-se difícil assistir às aulas, seja por nossa presença que era sentida como supervisão ou pela necessidade da viatura da COMUN cobrir diversas classes em uma noite.

Por esta razão, o grupo optou por testar alguns aspectos do material didático:

- . o conhecimento pelo alfabetizador de palavras do Livro-Caderno (vol. I e II);
- . o conhecimento pelo aluno de algumas ilustrações do Livro-Caderno (vol. I e II).

A pesquisa do vocabulário surgiu a partir de comentários dos alfabetizadores (na 1ª viagem) de que o Livro-Caderno continha palavras por eles desconhecidas. Para tal, elaborou-se um instrumento com 53 palavras, e solicitou-se ao alfabetizador que assinalasse se conhecia ou não o significado da palavra.

Por ocasião das visitas às classes, foi feito também um trabalho de grupo com as alfabetizadoras presentes na realimentação, buscando suas representações sobre um material ideal.

CARACTERIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS QUE FIZERAM PARTE DESTA ETAPA DE TRABALHO

. O Município de Petrópolis

A Comissão Municipal de Petrópolis apresenta uma situação bastante própria, no que diz respeito a sua estruturação. Está formada por 12 elementos que estão distribuídos entre as funções administrativas e pedagógicas.

No que se refere ao PAF propriamente dito, estão alocados nesta Comissão cinco supervisores que são cedidos pela Secretaria Municipal de Educação, e que na COMUN trabalham exclusivamente no programa de alfabetização.

Neste município existem 25 mini-classes e cinco classes de PAF, ficando cada supervisor encarregado de seis classes. Portanto, as visitas a cada classe ocorrem numa média de duas vezes por mês.

A COMUN conta com uma kombi e um motorista para os trabalhos da supervisão, igualmente cedidos pela prefeitura.

Apesar dos "benefícios" que a COMUN recebe da Secretaria, nos parece que em relação ao trabalho pedagógico propriamente dito — discussões técnicas, propostas de trabalho conjunto etc. — não há sinais de integração.

O treinamento de Petrópolis ocorreu no período de três dias, com duração média de uma hora e meia por dia. Nos dois primeiros dias, o treinamento ficou a cargo da SA, enquanto no último, este foi assumido pelos elementos da COMUN.

Observou-se que nem todos os alfabetizadores compareceram ao treinamento, além da alta rotatividade dos mesmos ao longo dos dias.

A incidência de alfabetizadores novos foi bastante grande, o que nos permitiu refletir e questionar sobre o tempo previsto para o desenvolvimento do treinamento, e a maneira com que o conteúdo foi abordado. Na verdade, notamos que os alfabetizadores foram vistos pelo treinador como pessoas antigas de MOBRAL e experientes no trabalho de alfabetização, o que não se confirma nas nossas observações de campo.

No primeiro dia de treinamento foi apresentado aos alfabetizadores o material didático — Livro-Caderno, vols. I e II. Assim, dividiram-se os alfabetizadores em grupos, para conhecer e tirar dúvidas sobre o material didático. Vale ressaltar que os alfabetizadores neste momento não tiveram acesso ao Manual, na medida em que este sofreu atraso na sua impressão e distribuição.

No segundo dia, houve uma exposição sobre os passos metodológicos, feita pelo treinador, e também a apresentação, por um treinando, da operacionalização prática da metodologia.

No terceiro dia, os alfabetizadores continuaram se exercitando na operacionalização dos passos metodológicos.

As realimentações observadas — duas — ocorreram numa sexta-feira, o que já traz um aspecto negativo, na medida em que este dia propicia as ausências, conforme observação da COMUN.

A média de alfabetizadores presentes ficou em torno de oito. O responsável pelas realimentações observadas foi um elemento da COMUN. No caso, os assuntos tratados giraram em torno de aspectos administrativos, tais como: boletim de frequência, pagamento, distribuição de caderno para alunos novos etc. Os aspectos pedagógicos foram abordados apenas quando havia a distribuição de folhas de exercícios elaboradas pela COMUN e sugeridas aos alfabetizadores. Não houve qualquer discussão a respeito de como trabalhar determinado conteúdo, ou mesmo sobre as dificuldades que os alfabetizadores vêm encontrando no trabalho. Ao mesmo tempo, os alfabetizadores também não solicitaram qualquer esclarecimento de ordem pedagógica.

. O Município de Cabo Frio

A COMUN de Cabo Frio conta com a participação efetiva de dois elementos — a PRESI e um auxiliar administrativo — recebendo a colaboração de duas outras pessoas da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), uma delas cedida ao MOBRAL para a realização de supervisão às classes.

Notou-se que as preocupações destes elementos da COMUN no desenvolvimento de seu trabalho são mais de ordem logística/operacional delegando, em parte, à supervisora de área a competência de cuidar dos aspectos pedagógicos, por meio da realização de realimentações mensais aos alfabetizadores e de visitas de supervisão às classes, realizadas esporadicamente, não havendo propriamente uma rede de supervisão.

A respeito do relacionamento COMUN/SEMEC, há um dado que merece ser mencionado: qualquer pessoa que pretenda ser admitida na SEMEC tem que ter feito, necessariamente, estágio como agente do PAF e PRÉ. Com isto, mantêm-se constante a oferta de agentes bem qualificados (a totalidade dos alfabetizadores entrevistados tinha 7ª e 8ª série e até grau universitário) e sobretudo o interesse destes ao longo de seu trabalho, embora trazendo uma alta rotatividade, já que sua atuação dentro do MOBRAL pode vir a ser temporária, visando o preenchimento do cargo na SEMEC.

Na primeira visita, em abril de 84, além dos contatos com a COMUN e a SEMEC, a equipe participou de uma realimentação de alfabetizadores, na qual o Projeto de Avaliação lhes foi apresentado, enfatizando-se que a sua participação no trabalho seria de fundamental importância. Das 23 classes de PAF que funcionam no município, apenas 11 alfabetizadores estiveram presentes. Neste dia, os alfabetizadores reteberam o Manual — com atraso de um mês.

Muito embora durante esta reunião a conduta da equipe tenha sido principalmente de observação e de não interferência no trabalho dos grupos conduzidos pela SA, a presença de técnicos do MOBRAL Central parece ter influído no desenvolvimento das atividades: os grupos mostraram-se tímidos e pouco à vontade, ainda que revelando comportamento de quem sabe trabalhar em grupo.

Nesta ocasião, a equipe teve também a oportunidade de coletar alguns depoimentos assistemáticos acerca do material.

Na segunda ida a campo, em maio/84, a equipe dispôs do tempo integral da realimentação mensal para desenvolver um trabalho mais aprofundado com os agentes. Esta reunião contou com a presença dos sete alfabetizadores das classes visitadas e outros quatro que não haviam sido contatados.

O trabalho consistiu do debate em pequenos grupos, de quatro questões relativas ao material didático do PAF sugeridas pela equipe de avaliação que orientou os agentes no sentido de refletirem sobre o material com o qual trabalham. Ao final, todos os grupos trocaram entre si as idéias discutidas.

Os alfabetizadores trabalharam com interesse e entusiasmo, tendo-se mostrado à vontade para expor os seus pontos de vista, oferecendo à avaliação relevante contribuição.

3ª etapa

A partir dos resultados das duas primeiras etapas, foram elaborados dois questionários:

"Questionário de Avaliação do atual Material Didático do PAF" (ANEXO 3) — enviado a todas as COORD, com exceção da COORD/RJ-N.

"Questionário ao Alfabetizador", enviado a 12 COORD, para ser distribuído ao SUSUG e aplicado a 30 alfabetizadores daquelas COORD (ANEXO 4).

Em relação às COORD, foram recebidas as respostas de:

AC - RO - AP - PA - MA - CE - PB - PE - AL - BA - ES - MG/N -
MG/S - SP - DF - GO - MT - MS - PR - RS.

Das sete COORD que não responderam o questionário (ANEXO 3), as COORD de AM - RR - RJ-Sul alegaram que não utilizaram o material.

A amostra de alfabetizadores previa 30 questionários por COORD, tendo sido selecionadas as COORD que utilizavam o material na maioria de suas classes.

Fôram recebidos 278 questionários, assim distribuídos:

Maranhão -----	26
Piauí -----	30
Ceará -----	23
Paraíba -----	29
Alagoas -----	25
Minas Gerais Norte -----	32
Minas Gerais Sul -----	16
Espírito Santo -----	30
Paraná -----	19
Rio Grande do Sul -----	24
Distrito Federal -----	24

A única COORD que recebeu os questionários e não respondeu foi o Amazonas, que optou pela não utilização do Livro-Caderno em suas salas. Assim sendo, dos 360 questionários enviados, recebemos 77,2% — o que consideramos um número bastante expressivo.

A seleção dos alfabetizadores que responderiam o questionário foi deixada a cargo das COORD, solicitando-se que escolhessem uma amostra o mais diversificada possível contemplando alfabetizadores tanto na zona urbana quanto rural.

Caracterização das Coordenações

Conforme as respostas das COORD, verifica-se que o material está sendo utilizado em quase todas as classes de PAF de 13 estados, assim configurados por PE, MA, GO, CE, PB, AL, RS, DF, MG/N, MG/S, BA, PR e ES.

Na COORD do Acre o material está sendo utilizado em 7 classes do projeto 9 a 14 anos e em apenas 2 classes de PAF na capital.

Em Rondônia e no Amapá o material sô está sendo utilizado em 2 classes, enquanto que no Pará a extensão da utilização do material limita-se à capital. Já no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, o material não está sendo utilizado, embora os alfabetizadores tenham o conhecimento deste.

A COORD de São Paulo utiliza este material em algumas classes.

As COORD do Amazonas, Roraima e Rio de Janeiro Sul não utilizam o material.

As demais COORD (Piauí, Sergipe, Santa Catarina e Rio Grande do Norte) não responderam ao roteiro enviado.

É importante lembrar que a COORD/RJ-Norte não está aqui incluída, uma vez que participou da 1ª e 2ª etapas desta avaliação.

Caracterização dos alfabetizadores

Como é possível notar, as COORD preocuparam-se em selecionar uma amostra diversificada, conforme a solicitação do Central. No entanto, a amostra final apresenta um viés que deve ser considerado na análise que faremos. A preocupação de algumas COORD em garantir uma avaliação do material, ocasionou a seleção de alfabetizadores com um nível de escolaridade que sabemos não retratar nossa realidade.

ESCOLARIDADE	Nº	%
1ª a 4ª séries	36	12,9
5ª a 8ª séries	75	27,9
2º grau	117	42,1
Universidade	21	7,6
Outros (Logos etc...)	15	5,4
Sem resposta	14	5,0
T O T A L -----:	278	100,0

Já a distribuição por zona nos parece bem representativa, uma vez que 66,5% dos alfabetizadores que responderam pertencem à zona urbana e 32,7% à zona rural.

Quanto ao tempo de trabalho com o PAF, quase a metade dos alfabetizadores (47,8%) está no seu primeiro convênio, 21,9% no segundo ou terceiro e 25,5% no quarto ou mais.

A seguir, faremos um breve relato dos dados de caracterização das classes, a fim de permitir ao leitor uma rápida visão da situação encontrada.

A grande maioria das classes começou a funcionar até maio, sendo que aproximadamente 40% têm a duração de 6 meses e o mesmo percentual 8 meses, ficando então proporcionalmente distribuídas em 300 e 400 horas.

22,7% dos alfabetizadores têm classes que variam de 6 a 10 alunos; 36,7% de 11 a 15 alunos; 22,3% de 16 a 20; 11,6% de 21 a 30 e 2,5% com mais de 30 alunos frequentando as aulas.

Tendo sido perguntado quantos desses alunos nunca tinham frequentado a escola, verificou-se que 60% dos alfabetizadores têm alunos que nunca frequentaram a escola, a maioria concentrando-se na faixa de 3 a 5 alunos.

Quase todos os alfabetizadores (93%) receberam treinamento com uma carga horária extremamente variada, indo de 2 a 72 horas, sendo que a maior concentração situa-se em 40 horas (31,3%).

Quanto ao recebimento do material, 70,1% dos alfabetizadores receberam o Livro-Caderno no 1º mês, 20,5% no 2º mês. Em relação ao Manual, verifica-se que 65,1% receberam no 1º mês e 21,2% no 2º mês. No que diz respeito aos seus alunos, 93,9% dos alfabetizadores declararam que todos os seus alunos possuem o Livro-Caderno.

III- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1- A PALAVRA GERADORA

Os princípios metodológicos do PAF, nos quais se apóia o método, voltam-se para a idéia de que o aluno, através do processo de alfabetização, tornar-se-ia consciente de sua realidade podendo ser capaz de agir sobre ela. A aprendizagem dar-se-ia na integração da leitura e da escrita com a globalidade da experiência de vida do indivíduo.

Assim, estes princípios trazem em si a idéia da participação, essencial para que o processo de alfabetização não se torne unilateral.

A palavra geradora, neste processo, seria o elo de integração da vivência do aluno com a aprendizagem da leitura e da escrita.

O problema começa quando esta palavra tem que servir a duas funções diversas: por um lado, tem que ser foneticamente adequada para servir à instrumentalização e por outro lado, tem que servir à funcionalidade. Ora, a "adequação fonética" limita o grupo de palavras a ser trabalhado, não se podendo com isso ter palavras geradoras verdadeiramente ligadas às necessidades básicas do homem, frases adequadas ao contexto em que se inserem, enfim, um material que fosse, em seu conteúdo, "funcional".

Além disso, a tentativa de ensinar o alfabetizador a desenvolver a palavra geradora corresponderia a ensiná-lo teoricamente a participação, sem que este a tivesse jamais vivenciado.

Esta preocupação com o "conteúdo funcional" torna a funcionalidade, então, disfuncional, uma vez que a palavra geradora e os passos de seu desenvolvimento tornam-se um dever a ser cumprido, uma mera introdução à instrumentalização numa total redução de função.

Na verdade, acreditamos que a funcionalidade é muito mais uma questão de postura do que necessariamente ser derivada do método. Uma das classes visitadas mostra bem esta questão: ao desenvolver a palavra FOSSA, a professora perguntou aos alunos seu significado e ouviu que FOSSA era o estado em que se ficava depois de uma

briga de namorados. Como esperar que esta alfabetizadora soubesse aproveitar este momento a partir da vivência do aluno? Afinal, ela foi treinada para desenvolver o trabalho com a fossa "sêptica"; é assim que o Manual orienta e que o Livro-Caderno ilustra.*

No treinamento dos alfabetizadores, este fato pôde ser comprovado, quando se observou que a exploração da palavra geradora era um mero e breve diálogo para se chegar à palavra ou adivinhá-la. Isto é apoiado pelo Manual do Alfabetizador: "As palavras geradoras apresentadas servem de base ao ensino da leitura e escrita" (manual pág.9). "Esta discussão (sobre a palavra geradora) vai ajudar os alunos a organizar as suas idéias e apresentá-las com clareza. Ao mesmo tempo, vão entender melhor o significado da palavra TIJOLÔ quando forem estudá-la. Depois dessa conversa, peça aos alunos que façam frases orais sobre o assunto TIJOLÔ. Nesta hora, você já pode mostrar a palavra TIJOLÔ em sua ficha, dando início à aprendizagem da leitura" (grifo nosso) (manual pág.42).

Pergunta-se, então, se todo o momento anterior já não fazia parte do processo de aprendizagem da leitura e escrita. Desta forma, a orientação dada constitui-se uma contradição intrínseca à função da palavra geradora.

Outro fator contraditório refere-se à abordagem mecanicista do material que, no nosso entender, é oposta a todos os princípios metodológicos (globalidade, integração, participação e funcionalidade), como por exemplo: "Explique aos alunos que todas as vezes que encontrarem sílabas, palavras ou números escritos em tom mais claros, eles devem cobri-los" (Manual pág.43).

Neste trecho retirado do Manual, a idéia de o aluno "a ser condicionado" fica evidente, sendo reforçada inclusive quando este trata os alunos como se fossem uma clientela com características semelhantes. Não queremos dizer com isso que a fixação não é importante no processo da alfabetização, mas sim que frases como esta trazem implícita uma postura rígida e

* Na pesquisa de campo, constatou-se que nem mesmo a ilustração da fossa é reconhecida!

mecanista muito diferente de"... essas atividades de classe precisam ser muitas e variadas para ajudar o aluno a fixar melhor" (Manual pág.7).

Quanto à seleção das palavras geradoras os avaliadores apontam:

- A não ligação de certas palavras geradoras com as necessidades básicas do homem (por ex.: foguete, plástico);

- A ligação "forçada" de certas palavras com seus temas:

.. dinheiro é a palavra geradora do tema "Diversão", viagem e e foguete pertencem ao tema "Cultura".

Foi perguntado às COORD e alfabetizadores da 3ª etapa, sobre a adequação a 1ª palavra geradora.

A maioria das COORD a considera adequada, algumas sugerindo outras palavras, como PANELA, COMIDA e VIDA, ou porque apresentariam maiores possibilidades de exploração, ou porque TIJOLO apresenta maiores dificuldades fonéticas.

Nota-se aí a discussão da funcionalidade versus a instrumentalização: a palavra é escolhida por sua "facilidade" ou pela sua adequação a debates e discussões. Este aspecto torna-se mais marcante nos depoimentos dos alfabetizadores.

VIDA ".... promove mais debate"
".... é mais fácil"

COMIDA ".... as sílabas são mais fáceis"
".... está mais ligado à vida de cada um"
".... porque a sílaba de jo é um pouco difícil"

PANELA ".... é a mais fácil entre as geradoras"
".... é mais fácil devido à pronúncia"

BOLA ".... é uma palavra pequena com sílabas fáceis"
".... porque as consoantes devem ser estudadas em sequência".

- ABA "... segue a ordem alfabética dando a noção do abecedário"
- CASA "... por causa das vogais"
- ABELHA "... é um animal amigo, teriam noção da 1ª vogal"
"... os alunos falaram mais a respeito"
- SAPATO "... é mais fácil de pronunciar"
"... a maioria dos alunos é repetente e TIJOLÔ é uma palavra bastante conhecida por eles".
- AVE "... porque começa pela 1ª letra do alfabeto"
- FUTEBOL "... porque chama muito a atenção dos alunos"
- ABACATE "... porque atinge as primeiras letras do alfabeto"
- BARRIGA "... porque essa palavra quer dizer muitas coisas principalmente em relação à saúde".
- MATO "... a maioria das pessoas trabalha na agricultura e gosta de histórias com ela relacionadas".
- ESCOLA "... para mobilizar os alunos"
- REMÉDIO "... é a unidade que chama mais a atenção dos alunos"
- CHUVA "... porque eles reconheciam de início a palavra com duas sílabas e a família com duas sílabas".
- FAMÍLIA "... porque TIJOLÔ já está desgastado"
- VIAGEM
- ASA; AVE, AMOR, AVIÃO "... a 1ª letra do alfabeto seria de mais fácil assimilação".
"...deveria partir do grupo"
"... escolheria uma palavra com 2 sílabas"
"... prefiro trabalhar primeiro com as famílias silábicas"

Ao formular como seria um Livro-Caderno ideal, alguns alfabetizadores apontam que as famílias silábicas deveriam seguir a sequência do alfabeto, começando com palavras de uma sílaba ou ditongo. Outros alfabetizadores pedem palavras geradoras mais familiares, dando como exemplo MATA, CAVALO, GALINHA, CAJU, VESTIDO, HORTA, ÁGUA, LUZ, CAMISA, CAMPO, apontando, inclusive, que as atuais já são conhecidas pelos repetentes.

A maioria desses depoimentos nos dá a impressão não só de que alguns alfabetizadores não utilizam o método como, além disso, se sentem aprisionados na impossibilidade de ensinar seguindo a sequência do abecedário, como provavelmente aprenderam. Na verdade, parece que não se está atendendo a nada — nem a maior facilidade dos alfabetizadores em seguir a sequência que acham mais lógica, nem a funcionalidade.

Acreditamos que esta discussão antecede a formulação de qualquer material e que só a partir dela poder-se-á encontrar novos caminhos.

Não seria interessante pensar um material que não se prendesse tanto à "funcionalidade" e servisse o melhor possível à instrumentalização, voltando-se os nossos esforços para capacitar direta e indiretamente o alfabetizador na vivência da participação?

Seria, então, através da participação, que se atingiria a funcionalidade. O material, no caso, se tornaria apenas um meio auxiliar e não a base do método.

participação

2- DIVISÃO POR UNIDADES

A divisão por unidades é apresentada como um aspecto importante que ajudará o trabalho do alfabetizador e a focalizar a atenção do aluno.

Aparecem críticas em relação aos critérios que orientaram tal divisão a falta de sequência entre as unidades, e a necessidade de maior integração.

Volta-se à questão da ausência de explicitação quanto aos critérios de seqüenciação e gradação utilizados, o que necessariamente implica na questão da formação de cada unidade.

— Divisão das unidades por tempo

A indicação pelo Manual de um tempo pré-determinado para que o alfabetizador desenvolva cada unidade dos 2 volumes do Livro-Caderno, tem constituído uma das críticas centrais tanto por parte dos avaliadores, quanto por parte dos alfabetizadores.

No contato com o campo, foi recorrente a declaração de que não tem sido possível usar o Livro-Caderno de acordo com o tempo previsto pelo Manual, afirmação confirmada pela observação de que efetivamente os agentes estão se detendo muito mais em cada unidade, variando este tempo de acordo com a realidade encontrada nas salas de aula, ou seja, em função das necessidades e dificuldades da classe e, na maioria das vezes, de cada aluno ou grupos de alunos.

Tal fato se deve fundamentalmente à grande heterogeneidade da clientela do MOBRAI, tanto em termos de vivências quanto em termos de escolaridade anterior, conforme atestam os levantamentos até hoje realizados.

O Manual, inclusive, não explica os critérios utilizados para determinar por que considera que 9 dias, por exemplo, deva ser o tempo ideal para se trabalhar a 1ª unidade.

no
dem
os do
deficid
o de
a unidade

A proposta nos parece um tanto irreal na medida em que não leva em consideração os fatores acima apontados — e a prática tem confirmado esta hipótese.

Os alfabetizadores alegam, muito justamente, que não é produtor de passar de uma unidade para outra, cumprindo o cronograma, se os alunos não tiverem aprendido e fixado o conteúdo da unidade anterior. Desta forma eles simplesmente ignoram o número de dias estipulado pelo Manual para cada unidade, e deixam que o ritmo de aprendizagem de cada aluno determine o seu avanço. Neste caso, sua preocupação tem sido procurar não comprometer a qualidade da aprendizagem de seus alunos.

No entanto, embora o Manual apresente a divisão das unidades por tempo como sugestão, o não cumprimento tem provocado nos alfabetizadores uma certa sensação de "tarefa não realizada", reforçada pela capacitação que recebem, o que tem gerado insegurança. Assim sendo, os mais inseguros, no afã de completar seu trabalho, acabam seguindo à risca o cronograma estipulado para cada unidade, não sabendo depois explicar porque sua turma não está apresentando bom desempenho.

Entretanto, alguns outros problemas decorrem daí: respeitando as realidades que encontram, os alfabetizadores já prevêem que a maioria dos alunos não chegará ao fim do convênio (seja este de 6 ou 8 meses) e, embora demonstrem uma certa sensação de "tarefas não cumpridas em seu trabalho", admitem que não vislumbrem outra forma possível de conduzir as atividades.

Em nossa opinião, caberia discutir mais no Manual esta questão da avaliação do ritmo de aprendizagem e recursos para lidar com alunos em nível diversificado.

3- O LIVRO-CADERNO

. O material didático único

Antes de dar início à análise do Livro-Caderno, vale ressaltar uma questão levantada pelos avaliadores, sobre a problemática do material didático único, que possa atender a nível nacional a todas as realidades existentes, tanto no que se refere aos alunos quanto aos alfabetizadores.

Os avaliadores parecem preocupados com duas questões bastante pertinentes:

- . o conteúdo do Livro-Caderno é representativo para todo o país?
- . os nossos alfabetizadores têm a necessária "flexibilidade metodológica", que permitiria a adequação deste material para as diversas regiões?

Diríamos que não. O conteúdo do Livro-Caderno, mais especificamente as palavras escolhidas, parece ter sofrido uma tentativa de regionalização, com preponderância na região Nordeste. Sabemos da dificuldade de elaborar um material que possa servir a todo o território nacional. Um material que representasse uma unidade cultural nacional poderia ser construída em cima de duas alternativas: uma que contemplasse cada uma das regiões do Brasil, sendo assim um mosaico de regionalismos; outra que pudesse ser representativa do âmago comum da língua brasileira.

No primeiro caso cria-se um problema, na medida em que quando se está facilitando para uma região, dificulta-se para as outras. Tomando como exemplo o caso da "galinha à cabidela": em Petrópolis os alfabetizadores não conhecem este prato, que é compreendido por alguns como "galinha ao molho pardo", e explicada no dicionário como "galinha ensopada". Como este caso, outras palavras e expressões dificultam o trabalho do alfabetizador. Possivelmente uma opção mais viável seria a busca de um vocabulário que traduzisse ou sintetizasse o já mencionado "âmago comum" da língua nacional.

-Quanto à possibilidade de adequação por parte dos alfabetizadores, acreditamos que esse aspecto deveria fazer parte da capacitação, incluindo aí o Manual.

. A divisão do Livro-Caderno em 2 volumes

Em relação à estrutura do Livro-Caderno em 2 volumes, algumas COORD parecem não ter entendido a pergunta, comentando a respeito do conteúdo e não sobre a estrutura propriamente dita. Das que se posicionaram, colocam como aspecto positivo o incentivo ao aluno para que passe do 1º para o 2º volume.

Nossas observações de campo confirmam esta colocação. Existe realmente um fator psicológico de motivação na passagem de um volume para o outro, mas pergunta-se: este não poderia tornar-se, por outro lado, um fator de desmotivação para aqueles que não conseguem terminar o volume 1?

Aos alfabetizadores não foi feita uma pergunta específica a esse respeito, e poucos comentam sobre esta estruturação, manifestando que prefeririam 1 volume "com tempo e espaço para ser trabalhado". Parece que, no caso, preocupa o volume do conteúdo e não a estruturação.

. Linguagem e Matemática

A apresentação dos conteúdos de Linguagem e Matemática de forma intercalada no Livro-Caderno, foi alvo de considerações pelos avaliadores. Entretanto, essas se apresentam divergentes, na medida em que alguns colocam que a organização do livro propicia a integração das áreas de estudo linguagem e matemática e outros apontam para a artificialidade desta integração.

Algumas COORD afirmam que esta estruturação permite a "integração das áreas", "está de acordo com os princípios básicos da educação de adultos", além de "atender à funcionalidade..."

Este parece ser um tema polêmico e que parece sempre recair na definição da palavra integração. No nosso entender, a integração

não pode ser garantida com conteúdos de linguagem na página par e matemática na ímpar. Nas observações de campo, verificou-se que os alfabetizadores percebem a artificialidade desta integração e acabam separando essas áreas: alguns trabalham com Português nos dias pares e Matemática nos dias ímpares; outros dividem o tempo da aula, dando inicialmente Português (por exemplo) e depois Matemática. Estas e outras são alternativas encontradas para resolver a questão da fragmentação dos conteúdos, uma vez que linguagem e matemática estão estruturadas no Livro-Caderno de forma estanquizada.

Entretanto, segundo os depoimentos dos alfabetizadores, essa sistemática encontrada por eles também é prejudicial ao aprendizado do aluno. Isto porque adianta-se o Livro-Caderno em Português, por exemplo, e depois tem-se que voltar atrás para iniciar o trabalho com Matemática.

Realmente percebe-se em campo alunos que estão em diferentes pontos do Livro-Caderno no que se refere a essas duas áreas.

Se o alfabetizador segue a seqüência do Livro-Caderno, e 90% da 3ª etapa diz que o faz, nos parece um tanto ou quanto fragmentado ensinar uma parte da adição, seguir com a formação de sílabas e voltar à adição.

Esta fragmentação poderia levar a dificuldades de fixação, que estão sendo interpretadas por muitos avaliadores como necessidades de mais exercícios.

Se a estruturação em unidades fosse composta de unidades para linguagem e outras para matemática — seja no mesmo livro ou em livros separados — talvez favorecesse mais a fixação.

Os alfabetizadores da 3ª etapa declaram que a conjugação de linguagem e matemática no mesmo livro, em princípio, facilita a aprendizagem. Apenas 17,6% colocam que dificulta o seu trabalho. 28% alfabetizadores apontando que gostariam que fosse em livros distintos e 17 que poderia ser no mesmo livro, porém separados.

Ao ser perguntado sobre o que seria um Livro-Caderno ideal, 27 alfabetizadores voltam a esta questão, apontando inclusive que gostariam de livros de exercícios separados, incluindo aí o livro de caligrafia.

Mesmo conservando o esquema do Livro-Caderno, poder-se-ia incluir no Manual sugestões para essa integração. Um alfabetizador, por exemplo, utilizava o número de sílabas da palavra geradora para promover exercícios de Matemática.

• Conteúdo de Linguagem

Em relação mais especificamente à qualidade do conteúdo, vários aspectos foram ressaltados pelos avaliadores. Em primeiro lugar, apontam a questão da seleção de frases e textos que foram considerados por muitos como "ingênuos", "infantis", sem "refletir a problemática do adulto".

Estas considerações tratam da necessidade do aluno analfabeto ter acesso ao saber dominante. Isto é contraditório à idéia, muitas vezes veiculada, de que o Livro-Caderno deva abordar somente a realidade do aluno.

É preciso buscar um equilíbrio dos conteúdos entre as relações pertencentes à realidade do aluno com o conhecimento ao qual ele não tem acesso ou não domina.

Um técnico do MOBRAL relatou um fato ocorrido na COORD do Ceará, que retrata a questão acima.

Um aluno novo de PAF, abrindo pela primeira vez o Livro-Caderno, negou-se a continuar comparecendo às aulas quando descobriu que a palavra a ser estudada era TIJOLO (vale dizer que tijolo na terra do aluno chama-se CRÊU). O aluno manifestou sua indignação: "VIRGE, eu já faço crêu o dia inteiro, e chega aqui eu ainda tenho que estudar crêu..."

Isto foi considerado como causa de evasão? Acompanhamos por muito tempo a questão do "foguetes" (interplanetário). Será que este

foguete não é mais interessante para o aluno? Na verdade, o foguete apresentado no Livro-Caderno não é nem mesmo reconhecido pela maioria! Será nossa função "prendê-lo" à sua realidade?

Quanto aos conceitos apresentados, como "cultura" e "participação", concordamos com a opinião dos avaliadores e consideramos que especial atenção deva ser dada a tais conceitos, pois não cabe uma contradição entre materiais do MOBRAL: Livro-Caderno X Referenciais Básicos.

No trabalho de campo, uma série de aspectos relativos ao conteúdo do Livro-Caderno (vol. I e II) foram levantados pelos alfabetizadores.

Inicialmente, podemos destacar a dificuldade que o aluno analfabeto apresenta no trabalho da Unidade I. Segundo os alfabetizadores, a 1ª palavra geradora (*) — TIJOLLO — é extremamente difícil para o iniciante. Assim, tanto a aprendizagem do aluno quanto o trabalho do alfabetizador seriam facilitados se a 1ª palavra tivesse 2 sílabas ao invés de 3. As nossas observações mostraram que os alunos que não tiveram uma experiência escolar anterior permaneceram na Unidade I, durante pelo menos 1 mês (há quem ficou 3 meses).

Deste fato, decorre a marginalização do aluno pelo professor na medida em que, pelas observações, verificou-se que são poucos aqueles que nunca tiveram uma experiência escolar anterior. Sendo assim, o alfabetizador dá a aula para a maioria, colocando a problemática da dificuldade do aluno realmente analfabeto em cima de fatores pessoais — o aluno é que é "relaxado", "não quer nada", ou "tem problemas mentais..." (opinião dos alfabetizadores).

Outro ponto que os alfabetizadores comentam refere-se à falta de sentido/significado das frases contidas no Livro-Caderno — o que vem dificultar que o aluno faça as relações dos conteúdos novos com aqueles conhecimentos que ele domina.

(*) Este tema é mais aprofundado no item "Palavra Geradora"

Os alfabetizadores também chamam atenção para a insuficiência das aulas de revisão, colocando a necessidade de aulas de reforço (paralelas ao Livro-Caderno), "para que o aluno não esqueça o que aprendeu" (depoimento de um alfabetizador).

No que se refere especificamente à parte de linguagem, os alfabetizadores reclamam por mais textos.

Os alfabetizadores da 3ª etapa vem reafirmar nossas observações de campo, quando apontam:

- . conteúdo muito avançado;
- . sílabas complicadas antes de sílabas simples;
- . gradação inadequada: "deveria começar do mais fácil para o mais difícil";
- . palavras difíceis;
- . incoerência com a realidade do aluno;
- . dificuldade na leitura pelo não conhecimento das letras;
- . dificuldade no trabalho com as consoantes dobradas e "s" com som de "z";
- . as explicações deveriam ser mais claras;
- . deveria haver caligrafia;
- . insuficiência de frases e textos.

Algumas COORD acreditam que o próprio alfabetizador deveria enriquecer as frases e os textos, uma vez que não são suficientes para o aprendizado do aluno.

Podemos então perguntar se o nosso alfabetizador está apto para suprir esta deficiência.

. Conteúdo de Matemática

Os alfabetizadores de Cabo Frio e Petrópolis encontram grande dificuldade no trabalho com a dezena. Seguem todas as instruções

do Manual, mas os alunos não entendem. Numa realimentação, uma alfabetizadora se disse perplexa frente à dificuldade de ensinar esta questão — queria até abandonar sua classe, julgando-se incapacitada... A supervisora tentou conversar com ela, mas sempre repetindo as opções já conhecidas, insistindo que "assim funcionaria...". Os alfabetizadores chegaram a questionar a utilidade deste conhecimento para seus alunos.

Numa das viagens, incluímos nas pranchas do material gráfico uma das representações de unidade/dezena encontradas no Livro-Caderno. Perguntamos o que era e a grande maioria dos alunos, apesar de ter passado esta lição, não reconhecia, respondendo que eram bananas de dinamite, bombinhas, palitinhos, pauzinhos, etc..

Um alfabetizador, conversando sobre as dificuldades com o estudo da dezena, referiu-se sempre ao fato de que os alunos não entendiam "que 1 dezena era 12". A esse respeito, temos uma hipótese: a dezena, no Livro-Caderno (pág.57), está também representada por uma caixa de ovos ou de garrafas de 10 unidades, induzindo a este erro: não se compram ovos em dezenas, mas em dúzias...

Em relação à matemática, os alfabetizadores apontam também que a multiplicação e a divisão são apresentadas de sopetão, não tendo sido devidamente trabalhados os sinais de adição e subtração. Os alunos reclamam a falta de tabuada, e acham que deveria constar do Livro-Caderno.

No ensino das horas, alguns discordam do método do livro, uma vez que este é feito ao longo do volume 1, com várias interrupções de outros conteúdos.

Os alfabetizadores da 3ª etapa, embora coloquem que o conteúdo de matemática é adequado, levantam questões bastante diversas e até contraditórias, assim como:

- . "pouco conteúdo"
- . "necessidade de ter tabuada"
- . "deve introduzir conjunto"
- . "deveria ser mais fácil"

- . "o conteúdo é muito avançado"
- . "o conteúdo é muito misturado"
- . "os alunos sentem dificuldade"
- . "O QVL é muito difícil"
- . "poucas atividades em cada etapa"
- . "a multiplicação é dada muito cedo"
- . "Mistura multiplicação com adição"
- . "o conteúdo é muito superficial"
- . "o conteúdo é fraco"
- . "as operações são introduzidas muito próximas uma das outras"
- . "o conteúdo é muito difícil para quem não tem experiência"
- . "a parte de dividir é difícil e confusa"
- . "o conteúdo não é coerente com a realidade do aluno"
- . "os alunos não gostam."

Desta diversidade de depoimentos formulamos algumas hipóteses:

- . o trabalho diversificado é uma necessidade real e para tal o material teria que ser adequado;
- . os alfabetizadores têm dificuldades em alguns aspectos como divisão e deveriam ser mais orientados para tal;
- . linguagem e matemática juntas dificultam o trabalho com alunos que, muitas vezes, sabem as 4 operações, mas não sabem ler nem escrever. Já apontamos a diferença entre a gradação de linguagem e matemática quando na verdade nossos alunos entram no processo, na maioria das vezes, com um conhecimento muito maior de matemática do que de linguagem.

. Exercícios

O campo é unânime em afirmar que o Livro-Caderno tem poucos exercícios. Neste sentido, verificou-se que os alfabetizadores buscam, em outros materiais, exercícios que possam ajudar na fixação do conteúdo. Porém, como será mencionado na análise do

Manual, a falta de explicitação dos objetivos de cada exercício, faz com que o alfabetizador não tenha critérios na escolha dos exercícios complementares, que ficam sem nenhuma conexão com a gradação e seqüência do Livro-Caderno. Nota-se também que estes exercícios são entregues em folhas desenhadas; por exemplo: uma centopéia que tem, em suas partes, contas de adição. Por outro lado, a COMUN, nas realimentações mensais, distribui folhas mimeografadas com exercícios para os alfabetizadores passarem aos alunos. O que ocorre é que geralmente são exercícios que estão de acordo com o planejamento previsto para aquele mês do convênio. Se por acaso o alfabetizador não estiver seguindo o planejado, os exercícios distribuídos ficam desvinculados do conteúdo que está sendo dado.

Em relação às "ordens" dos exercícios, os alfabetizadores colocam que consideram algumas complicadas, como por exemplo: "Faça como no modelo" e "Ligar palavras" e aquelas em que, a partir de uma sílaba, seguem-se setas para a formação de várias palavras, ex.: pág.58. Os alfabetizadores solicitam que o Manual seja mais explícito em relação aos exercícios, não só explicando o objetivo, mas também trazendo as respostas.

Um outro ponto colocado por um avaliador, necessita, em nosso entender, uma reflexão mais profunda por parte do grupo que elabora o material, pois diz respeito ao aspecto, já colocado, da contradição entre a funcionalidade e a atitude que se espera do aluno: a falta de espaço para a criação

Na verdade, poucos são os exercícios que abrem espaço para a criatividade, para que os alunos liguem o universo de sua experiência com o aprendizado que estão iniciando.

Quanto aos alfabetizadores da 3ª etapa, mais de 40% declara que estes não são suficientes, enfatizando que são fracos e repetitivos (sendo necessário maior número para fixação) e superficiais, faltando uma seqüência lógica.

Quando se pergunta aos alfabetizadores se utilizam outros materiais de apoio no trabalho de preparação de aula, 62,6% dizem que sim. Pela ênfase dada por eles à necessidade de exercícios,

podemos presumir que os "outros materiais" são utilizados para fornecer exemplos de exercícios.

Em relação às dificuldades apresentadas pelos exercícios existentes no Livro-Caderno, os avaliadores do Central, COORD e os alfabetizadores, levantam uma série de aspectos que deveriam ser revistos, detalhados nos relatórios parciais.

Algumas COORD consideram insuficiente o espaço existente no Livro-Caderno para a resolução dos exercícios.

Quanto aos alfabetizadores, 82,7% colocam que o espaço reservado no Livro-Caderno é suficiente, e 16,9%, o contrário.

Entretanto, quando se pergunta aos alfabetizadores o que seria um Livro-Caderno ideal, muitos respondem que gostariam de um caderno só para exercícios, o que parece também tanger a questão do espaço.

. Abecedário, números e sílabas

Notou-se em campo que poucos são os alfabetizadores que utilizam estes recursos encontrados no final do Livro-Caderno. Na verdade, se o alfabetizador não tem um Livro-Caderno para seu próprio uso e o Manual traz poucas instruções a este respeito, é esperar muito do alfabetizador que ele encontre suas próprias formas de utilização. Um dos poucos alfabetizadores que estava utilizando as sílabas, solicitou dos alunos que formassem palavras com estas, colassem num papel e entregassem a ele "para não perder". Consideramos que este recurso é da maior importância mas, como os avaliadores apontam, só tem sentido se o alfabetizador for muito bem orientado em sua utilização: tanto para exercícios como para jogos.

Quanto ao abecedário e aos números mais especificamente, não notamos sua utilização por parte dos alfabetizadores e concordamos com a posição dos avaliadores que deveriam vir no começo do Livro-Caderno.

Acreditamos que, possivelmente, se o aluno pudesse observar o alfabeto como um todo, ficaria mais fácil entender o que é uma letra e como elas se diferenciam — este tipo de trabalho desenvolvendo a percepção poderia ser orientado no início do Manual. Esta questão é apoiada pelos alfabetizadores, que sentem que isto ajudaria seu trabalho.

Além disso, torna-se necessário dar atenção ao "rebuscamento" das letras cursivas, uma vez que o próprio Manual aponta: "Procure usar letras simples, sem rabiscos" (pág.30).

Na 3ª etapa foi perguntado aos alfabetizadores sobre a utilização desses recursos separadamente.

No que se refere ao abecedário, 76,6% dos alfabetizadores dizem estar utilizando e 22,7% que não utilizam. Os procedimentos daqueles que usam o abecedário no trabalho com os alunos são os mais variados, servindo o abecedário para diferentes finalidades: distribuídas para identificação, para leitura, recortam e formam palavras, para consulta, para jogos, para escrita, escrevendo no quadro e passando no caderno, recortam, para colocar no flanelógrafo, para exercícios diversos, para colagem no caderno, os alunos levam para casa, para ensinar diferentes tipos de letra, para formar sílabas, para escrita do nome.

Os motivos para a não utilização do abecedário, são também bastante heterogêneos: os alunos não chegaram lá, não recebeu orientação, não achou necessário, não tem tempo, todos conhecem, os alunos não quiseram recortar o livro, já tinha trabalhado, os alunos fizeram o seu, usa outro meios, porque dificultaria, quando chega lá os alunos já sabem o abecedário.

Pela listagem das diferentes formas de uso do abecedário, podemos perceber que muitos alfabetizadores não sabem a ligação deste meio com a metodologia preconizada no material. O mesmo ocorre com aqueles que não utilizam o abecedário, pois determinados motivos expostos pelos alfabetizadores mostram que muitos não sabem em que circunstâncias este material poderia ser útil no processo de alfabetização. Tal fato irá se repetir na questão das sílabas e algarismos.

Os alfabetizadores que utilizam as sílabas do Livro-Caderno, estão em torno de 80% podemos perceber que a maneira como usam este material muitas vezes é semelhante ao do abecedário: para identificação, para leitura, para recortar e formar palavras, para consulta, para jogos e treinos, para escrita, escrevendo no quadro, para colocar no flanelógrafo, para exercícios diversos, para colar no caderno.

Os alfabetizadores que não utilizam o material estão em torno de 16%. Novamente podemos verificar que os motivos para a não utilização são bastante diversos: os alunos não chegaram lá, não recebeu orientações, não achou necessário, não tem tempo, os alunos não quiseram recortar o livro, já tinha trabalhado, os alunos fizeram o seu, não viu que tinha, está usando outros meios, "devido a uma displicência", porque as palavras geradoras não são seqüência do alfabeto, porque é difícil, os alunos não têm o livro, não sabe porque.

Em relação aos Algarismos encontramos 65,8% dos alfabetizadores utilizando-os e 30,6% que não estão usando.

Como os alfabetizadores utilizam os algarismos com os seus alunos: para identificação, para leitura, recortam, para consulta, jogos, escrita, escrevendo no quadro, no estudo da seqüência numérica, cópia, armando e efetuando contas, na formação de números e conjuntos, flanelógrafo, exercícios diversos.

Razões dadas pelos alfabetizadores que não utilizam os algarismos do final do Livro-Caderno: os alunos não chegaram lá, não recebeu, não achou necessário, não tem tempo, todos conhecem, os alunos não quiseram, os alunos fizeram o seu, não viu, utiliza outros meios, porque os alunos não sabem, não há motivo, porque já foram trabalhados, por displicência, os alunos não receberam o livro.

Vale ressaltar que o Manual não traz orientações ao alfabetizador em como utilizar o abecedário, as sílabas e os algarismos.

Assim, um material que poderia ser de grande utilidade para os alunos e alfabetizadores pode ficar relegado a um segundo plano,

não sô pela falta de orientações como também pela sua disposição no Livro-Caderno (nas últimas folhas).

. Aspectos Físicos do Livro-Caderno

Como já foi colocado, não trataremos das ilustrações neste relatório, pois este aspecto será alvo de um trabalho específico. Tentaremos então, nesta parte do relatório, considerar outras características como formato, letras, capa e papel.

No trabalho em Petrópolis e Cabo Frio notamos que os alfabetizadores reclamam do formato horizontal do Livro-Caderno, pois as condições encontradas nas classes dificultam seu manuseio. Nas classes que têm carteiras antigas (tipo mesa), os alunos não encontram problemas, mas nas classes onde as carteiras são cadeiras com braço, torna-se impossível manter o Livro-Caderno na carteira.

Na 3ª etapa, 48,2% dos alfabetizadores coloca que o formato facilita o manuseio e 33,8% que facilita a escrita. Para 11,2% dos alfabetizadores este formato dificulta o manuseio e para 14,4% dificulta a escrita.

Em relação ao tamanho de letras, a equipe levou para o campo uma prancha com 6 tamanhos diferentes utilizados no Livro-Caderno. Foi perguntado a 61 alunos até que letra cada um via bem. O quadro a seguir mostra o resultado deste levantamento, apresentando uma distribuição dos alunos segundo idade e escolaridade anterior:

LETRAS	I D A D E				ESCOLARIDADE ANTERIOR				TOTAL	%
	- 30	%	+ 30	%	NE	%	E	%		
A (maior)	1	2,4	1	5,0	-	-	2	7,4	2	3,3
B	1	2,4	2	10,0	2	5,9	1	3,7	3	4,9
C	6	14,6	2	10,0	6	17,7	2	7,4	8	13,1
D	7	17,1	5	25,0	4	11,8	8	29,6	12	19,7
E	3	7,3	1	5,0	3	8,8	1	3,7	4	6,6
F (menor)	16	39,0	9	45,0	17	50,0	8	29,6	25	41,0
N RESP	7	17,1	-	-	2	5,9	5	18,5	7	11,5
TOTAL	41		20		34		27		61	

É preciso lembrar que não houve uma proposta de testar a visão do aluno, mas apenas de ter uma idéia da adequação do tamanho da letra escolhida. Seria recomendável, dada a diversidade dos resultados encontrados, fazer-se um estudo mais sistemático, pois não podemos tirar nenhuma conclusão a não ser que alguns alunos têm uma dificuldade visual clara, facilmente perceptível pela distância em que colocam o material.

Na 3ª etapa, 21,6% dos alfabetizadores colocam a dificuldade de seus alunos em ler determinados tamanhos de letras, sendo as razões as mais diversas possíveis. Neste sentido, não há consenso em torno de um tamanho específico que dificulte a leitura.

Já algumas COORD levantam, além da necessidade de letras maiores, tanto para o Livro-Caderno quanto para o Manual, questões relativas à forma das letras, assim como: as letras impressas sobre e com a cor "verde" e "cinza" que a noite dificulta a visão; a duplicidade de tipos gráficos (cursiva e imprensa) dificulta o entendimento.

No que se refere à adequação visual da capa, os alfabetizadores e principalmente a COMUN, revelam que esta não está trazendo os problemas ocorridos com o Livro-Caderno anterior, que apresentava uma impressão digital na capa. Eles colocam que este símbolo reforçava a marginalização do analfabeto, que muitas vezes criava mecanismos para esconder este livro — encapando, colocando dentro de uma pasta, bolsa, etc.

Quanto ao papel utilizado no Livro-Caderno, 32,4% dos alfabetizadores considera que este não resiste ao manuseio dos alunos. Como foi evidenciado no trabalho de campo, o papel torna-se frágil quando se tem que passar a borracha — o que é um fato bastante comum, principalmente quando estamos tratando com alunos analfabetos.

A capa, por sua vez, não é resistente ao manuseio, segundo 31,7% dos alfabetizadores.

As COORD se dividiram ao responder sobre os aspectos referentes à capa e ao papel utilizado no Livro-Caderno. Assim 10 COORD definiram o material de boa resistência e 9 COORD acharam o

material inadequado.

Poucos avaliadores detiveram-se em aspectos como paragrafação, margeamento e entrelinhamento, talvez porque se trate de uma questão extremamente técnica. Não houve comentários em campo sobre este aspecto e, especificamente em relação ao margeamento, notamos que, embora a letra dos alunos piore à medida que se aproxima da borda, esta questão não parece causar muitas dificuldades.

Quanto à possibilidade dos alunos chegarem ao final do Livro-Caderno dentro do período previsto no convênio, as COORD foram unânimes na constatação de dificuldades existentes para tal. Assim, as COORD levantam, como fatores que impossibilitam os alunos de concluir a aprendizagem dos conteúdos previstos, aspectos institucionais, assim como aspectos diretamente relacionados ao próprio material.

Em relação aos aspectos institucionais podemos evidenciar: curta duração do convênio; carga horária pequena; limitações dos agentes quanto ao desempenho das necessidades (seleção X gratificação). Os aspectos ligados ao material dizem respeito ao volume de conteúdos do Livro-Caderno.

Algumas COORD ainda centram esta problemática no próprio aluno, citando causas tais como: falta de interesse, ritmo lento de aprendizagem e até o nível sócio-econômico.

Em contrapartida, quando se pergunta às COORD se ao final do Livro-Caderno os alunos estarão aptos a ingressar no PEI, a maioria responde que sim. Entretanto, esta resposta afirmativa é fictícia na medida em que está sempre acompanhada de adendos tais como: qualificação do agente, duração do convênio, frequência dos alunos etc. Assim, a passagem dos alunos para o PEI está condicionada ao término do Livro-Caderno. Porém, como já foi visto, existem inúmeras dificuldades que impedem o aluno de concluir os 2 volumes. Assim, fica uma questão condicionada a outra.

- 4- AS PALAVRAS

Encontram-se algumas ordens no Manual que pressupõem que o alfabetizador possua um domínio vocabular bastante desenvolvido: "Discuta com os alunos o significado das palavras, explicando bem as mais difíceis, tais como: "rateio, rima, arrimo" (Manual pág.85). O fato dessas palavras estarem no Livro-Caderno não justifica que se conclua que alfabetizadores do Brasil inteiro conheçam e possam explicar o significado de certas palavras ou que, pelo menos, tenham um dicionário e saibam utilizá-lo.

Para confirmar esta colocação, foram levantadas 53 palavras do Livro-Caderno e apresentadas aos alfabetizadores dos 2 municípios, para que estes assinalassem se conheciam ou não estas palavras. Diversas palavras não eram conhecidas por pelo menos metade dos alfabetizadores: juta, arrimo, silo, choça, bilro, bodega, faquir, quermesse, arrimo de família, ordenhei, arrebanhou, galinha a cabidela, ruela, romeiro, embornal, maraca, samburã, aniagem, guirlanda, pleito eleitoral, silhueta (nos dois municípios); asseio, cevada, arruela, quati, casulo, gim, guiso, guelra e cheque nominal (estas em apenas um dos municípios). É importante notar que, de 53 palavras, 30 são desconhecidas ou consideradas difíceis de serem explicadas. (Mesmo nossos avaliadores não conhecem o significado de todas as palavras: "qual o significado de embornal (pág.194)? (técnico do MOBREAL Central).

Essa necessidade é confirmada pelas solicitações de campo, de que haja um glossário acompanhando o material.

Na 3ª etapa foram apresentadas 50 palavras aos alfabetizadores, para que assinalassem se as conheciam ou não.

Nesta etapa optamos por solicitar ao alfabetizador que, caso soubesse o que a palavra significava, explicasse o que era.

As explicações ou sinônimos dados, uma vez checados com as definições do Novo Dicionário Aurélio, foram consideradas como:

corretas, imprecisas, incorretas, não explicadas ou não entendidas.

Estas palavras encontram-se no Livro-Caderno (a maioria destituída de contexto), esperando-se, portanto, que o alfabetizador saiba seu significado para explicá-lo aos alunos.

Considerando que apresentamos estas palavras a 278 alfabetizadores de 11 COORD, quantos alfabetizadores teriam que conhecer seu significado para que pudéssemos considerar uma palavra como conhecida? 70%, 50%?

Tomando a metade dos alfabetizadores, encontramos que, das 50 palavras apresentadas, sã 28 são conhecidas por mais de 50% dos alfabetizadores, sendo que as outras 22 têm um pequeno percentual de respostas corretas:

PLEITO ELEITORAL	—	28%
SILHUETA	—	32%
JUTA	—	45,3%
FLUOR	—	44,2%
CHEQUE NOMINAL	—	40,2%
CHEQUE AO PORTADOR	—	30,5%
GUIRLANDA	—	17,9%
GUIZO	—	35,2%
GALINHA À CABIDEIA	—	38,8%
ANIAGEM	—	20,8%
SAMBURÁ	—	33%
MARACA	—	39,2%
CASULO	—	34,5%
ARREBANHO	—	46,4%
ORDENHEI	—	44,6%
ARRIMO DE FAMÍLIA	—	47,4%
QUERMESSE	—	41,7%
FAQUIR	—	20,5%
SILO	—	43,1%
ARRUELA	—	39,9%
CEVADA	—	48,5%
CHOÇA	—	45,6%

Quanto à diferença entre as COORD, não encontramos propriamente uma diferença regional, a não ser em relação a palavras muito específicas como "galinha à cabidela", que é muito conhecida na região Nordeste e pouco na Sudeste.

Nota-se, entretanto, que algumas COORD apresentam resultados muito bons ou muito ruins: os alfabetizadores de 2ª COORD saíram-se muito bem na explicação das palavras. Na primeira COORD, das 50 palavras apresentadas, todas acompanharam a média de acertos e 33 estão 10% acima da média geral. Os alfabetizadores da 2ª COORD tiveram 49 palavras na média, sendo 37 pelo menos 10% acima da média. Por outro lado, os alfabetizadores de uma 3ª COORD tiveram 35 palavras pelo menos 10% abaixo da média das COORD, sendo que as palavras: silhueta, cheque ao portador, guirlanda, aniagem, quermesse, faquir não foram explicadas corretamente por nenhum dos alfabetizadores desta COORD.

Em relação à escolaridade, encontramos 21 palavras em que o percentual de respostas corretas dos alfabetizadores com 2º grau ou universidade é significativamente maior que os de 1º grau. Entretanto, um dado nos chama a atenção, para o qual não temos explicação: das 50 palavras, 23 têm um percentual maior de respostas corretas da 1ª à 4ª série do 1º grau, do que os alfabetizadores da 5ª a 8ª série.

O material mais rico, no entanto, é a explicação dada a certas palavras que nos indicam alguns pontos de reflexão:

- Os alfabetizadores não parecem distinguir "pequenas" diferenças entre palavras que se assemelham ou na pronúncia ou na escrita, redundando daí explicações como:

SILO é "cabelo nos olhos", "pelo nos olhos" (CÍLIO);

BARRICA é "orgão do corpo humano" (BARRIGA);

ANIAGEM é "chocagem" (ANINHAGEM);

CASULO é "o mais novo" (CAÇULA);

ORDENHEI é "dei ordem" (ORDENEI);

SAMBURÁ é "cera fabricada por abelhas" (SAMURÁ/SABURÁ).

- . O contexto imediato é a referência tomada para explicação da palavra, ignorando-se a sua verdadeira origem ou significado geral. Assim, SILHUETA é "shampoo"; CASULO é "projeto da LBA", "creche"; ROMEIRO é "quem vai a Juazeiro"; HARPA é um "livro de cântico religioso"; etc. São explicados como nomes de pessoa: BILRO, GUIRLANDA, GIM, QUERMESSE, JUTA, SOPAPO e RUELA; CASULO e QUATI são sobrenomes; e SILO é explicado como "nome próprio de um cachorro".
- . É flagrante a dificuldade dos alfabetizadores de "explicar" o significado das palavras, por falta de vocabulário ou de meio de expressão, ex.: DĀLIA é uma "rosa"; HARPA é "parecido com o violão"; APRUMAR é "equilíbrio"; ASSÍDUO é "sempre", "uma participação"; ARRUELA é "de colocar parafuso", "que firma a polca em um parafuso"; RESSACA é "de pinga de festa".
- . Houve algumas explicações incompreensíveis, como: ESBELTA é "pra frente, quer sem o que não é", ARRIMO DE FAMÍLIA é "família que se combina".
- . Há tentativa de explicação de palavras, que efetivamente eles desconhecem, por associação com outras. Assim, ROMEIRO é "pessoa que vivem em Roma", "da Romênia"; GUIRLANDA é um "país da Europa", "nome de uma cidade"; FAQUIR é uma "faca de serra", etc.
- . Alguns alfabetizadores recorreram ao dicionário. Suas respostas em muitos destes casos, nos fazem sentir que eles não assimilaram o significado da palavra; por exemplo: CEREAL é "gramínea cerealífera"; MAXIXE é "planta da família das curcubiáceas"; FLUOR é "um dos objetos da tabela periódica"; DĀLIA é "substantivo feminino, planta da família das compostas com variedade".
- . Houve, no entanto, algumas explicações coloquiais excelentes, como: FAQUIR é "grevista de fome"; RESSACA é "fim de porre", etc.; CEVADA é "fruta de cerveja"; ASSÍDUO é "quando a gente curti demais uma coisa". Registramos, ainda, que alguns alfabetizadores, em suas explicações, usaram palavras regionais ou locais, por nós desconhecidas.

Os erros de ortografia e de concordância são inúmeros, e foram desconsiderados na correção do teste. No entanto, cabe registrar alguns dos casos encontrados:

INCORREÇÕES DE ORTOGRAFIA

engnorância (IGNORÂNCIA)
 inbriaguês (EMBRIAGUES)
 inrrita (IRRITA)
 estrumento/istrumento (INSTRUMENTO)
 hordem (ORDEM)
 igiêne/Hingine (HIGIENE)
 utilidade (UTILIDADE)
 polca (PORCA)
 involoco (INVOLUCRO)
 plumo (PRUMO)
 flageração (FLAGELAÇÃO)
 pranta (PLANTA ou PRATO)
 penção (PENSÃO)
 prossição (PROCISSÃO)
 pessa/peso (PEÇA)
 assida (ÁCIDA)
 fosins (FOCINHO)
 nasse (NASCE)
 casador (CAÇADOR)
 cançasso (CANSAÇO)
 sera (CERA)
 clacificar (CLASSIFICAR)
 groceiro (GROSSEIRO)
 messearia (MERCEARIA)
 carosso/carroso (CAROÇO)
 quitana/quitanga (QUITANDA)
 arumar (ARRUMAR)
 arrame (ARAME)
 mulesa (MOLEZA)
 produgicam (PREJUDICAM)
 puchado (PUXADO)
 perĩlido (PERÍODO)
 mã está (MAL ESTAR)
 ocĩlio (AUXÍLIO)
 bocejjar (BOCHECHAR)

FALTA DE CONCORDÂNCIA NOMINAL E VERBAL

Plantas que vive na água
pessoas magro
pessoa cuidadoso
pessoas que sustenta a casa
pessoas que faz romaria
pessoas que vive embriagado.

SINTAXE

Pessoas que vão arromarias

A equipe optou por não se deter demasiado nesta parte do relatório, uma vez que foge ao objetivo imediato da avaliação. Consideramos, no entanto, este material riquíssimo, já que pode indicar caminhos para o conhecimento do perfil deste alfabetizador.

5- MANUAL

. Adequação do Manual

Todas as avaliações recebidas são unânimes em afirmar a necessidade e a importância da existência de um manual que oriente o professor na condução da aula e do processo educativo como um todo, ressaltando que o Livro-Caderno não poderia ser devidamente utilizado sem um manual.

A pergunta que se coloca, no entanto, é se este Manual é adequado à clientela a que se destina.

A maioria das COORD considera o Manual adequado para seus alfabetizadores, poucas sendo as que têm algo a acrescentar, apontando ser necessário maior aprofundamento ou ainda assistência para sua utilização.

O mesmo acontece com os alfabetizadores: a maioria considera o Manual adequado, enquanto que outros pedem maior detalhamento e maior clareza. Encontram-se até mesmo aqueles que declaram não gostar do Manual, considerando-o fraco. Atingir todos os níveis é uma real impossibilidade — parece que estamos atingindo a maioria, mas caberia questionar se atingimos da forma que gostaríamos — cremos que não.

O significado que dão às palavras: a quantidade de exercícios considerados como difíceis, os comentários a respeito do Manual, nos fazem crer que os alfabetizadores necessitariam algo muito mais "mastigado", para que pudessem sentir-se mais seguro.

. Um Manual Autocapacitador

Parece igualmente recorrente entre as avaliações que o Manual não é autocapacitador e que não prescinde de acompanhamento periódico.

Este posicionamento a respeito do Manual como instrumento autocapacitador parece ser contraditório com as colocações anteriores sobre sua adequação à maioria dos alfabetizadores.

Se o Manual para ser bem usado necessita um agente interessado e precisa complementação com outro tipo de capacitação, então fica parecendo que falta alguma coisa para que ele seja realmente adequado como um instrumento autocapacitador.

Na verdade, julgamos que o Manual deveria ser autocapacitador pois, caso contrário, a capacitação direta torna-se uma repetição "mais elaborada" dos mesmos conteúdos.

A nosso ver, o que a capacitação direta pode é levar o alfabetizador à melhor utilização dos recursos que tem e de que dispõe.

A quem o Manual se destina?

Tomando especificamente este Manual, que é alvo de nossa avaliação, passamos a discutir um dos pontos fundamentais de seu planejamento que é a definição de sua função ou, se preferirmos, dos objetivos que pretende atingir.

Um dos objetivos parece ser, sem dúvida, capacitar o nosso alfabetizador no uso do Livro-Caderno.

Surge, então, uma questão primordial: quem é o alfabetizador a quem o Manual se destina?

É extremamente importante, na elaboração de um manual, partir-se de um pressuposto a respeito do destinatário deste material — no caso, o alfabetizador. Necessita-se de um perfil do agente para que se possa optar pelo conteúdo a ser abordado, a linguagem a ser utilizada, o nível de detalhamento, etc.

Este Manual deixa transparecer que não houve esta preocupação, na medida em que aspectos de seu conteúdo são muitas vezes contraditórios. O fato, por exemplo, de não trazer as respostas

dos exercícios do Livro-Caderno pressupõe um alfabetizador capaz de resolvê-los corretamente e sem maiores dificuldades. Ao mesmo tempo, a indicação das perguntas que deve fazer na exploração de um tema, prevendo as respostas que os alunos vão dar, e orientações como: "(...) agora leia a ordem pausadamente: Faça como no modelo..." (Manual, pág.67), pressupõe um alfabetizador incapaz de agir frente a seu trabalho diário.

Os dados do campo confirmam isso: tanto em Petrópolis como em Cabo Frio nenhum alfabetizador leu o Manual como um todo. Todos declararam ler o Manual à medida em que vão dando as unidades. Um disse que lê até a página estudada; outro lê antes de cada aula que vai dar. A maioria afirmou que não usa o Manual com frequência, só o fazendo quando sente necessidade.

Dos alfabetizadores da 3ª etapa, apenas 25,9% declara ter lido todo o Manual, sendo que 69,8% só o leu em parte. Isto enfatiza a necessidade já colocada de se ter um Manual que explicita mais claramente seus objetivos e forma de utilização — o alfabetizador deve ter muito clara a forma como aquele livro pode ajudá-lo, para que faça o melhor uso possível deste recurso.

Foi perguntado aos alfabetizadores com que frequência utilizavam o Manual, 41,7% declarando utilizá-lo diariamente, 32% "antes do início de cada unidade" e 21,6% "quando sente dificuldade". Qual seria a forma ideal de utilização, ou melhor, o Manual foi elaborado para uso diário? Parece-nos que não. Depois da primeira unidade o texto não segue toda a sequência do Livro-Caderno, aparecendo apenas os pontos julgados mais pertinentes. Não queremos dizer, com isto, que este material deveria seguir passo a passo o Livro-Caderno, mas sim, enfatizar a necessidade da definição clara de objetivos e da clientela a ser atingida, forma de utilização, etc., para que o Manual possa ter maior coerência interna.

Outra dificuldade que enfrenta o alfabetizador no uso do Manual é a necessidade de sua utilização conjunta com o ROA. Para os alfabetizadores novos, que nunca tiveram contato com o ROA, o trabalho fica duplamente difícil, além de termos notado uma certa perplexidade, uma vez que o ROA traz outras palavras geradoras

e orientações diferentes daquelas existentes no Manual. Neste caso está se supondo um alfabetizador suficientemente capaz de selecionar o que lhe seria útil no ROA. Quanto a isso, delcarou uma alfabetizadora no trabalho de campo: "parece coisa de maluco, eu não uso o ROA não".

Foi perguntado aos alfabetizadores da 3ª etapa que material utilizavam ao preparar sua aula, tendo sido encontrados os seguintes resultados:

Livro-Caderno	- 10,4%
Manual	- 13,7%
ROA	- 4,0%
Livro-Caderno e Manual	- 21,6%
Livro-Caderno e ROA	- 3,2%
Manual e ROA	- 19,4%
Os três	- 27,0%

Parece ser difícil a utilização dos 3 livros na preparação da aula. Como as COORD apontam, torna-se necessária a utilização conjunta do Manual com o ROA, mas, como esta utilização é dificultada pelo nível de nossos alfabetizadores, propõem a unificação do conteúdo do Manual e do ROA num livro único.

. Objetivos do Manual

Da mesma forma que o Manual não traz uma definição da clientela à qual se destina, não aponta com clareza seus objetivos.

Um Manual pode ter diversos objetivos, assim como: explicitar a metodologia, trazer a resposta dos exercícios, dar outras sugestões de atividades etc. Porém, independentemente dos seus objetivos, estes devem ser necessariamente explicitados.

Através da pesquisa de campo, constatamos de forma recorrente que não fica claro para o alfabetizador de que maneira deve ser consultado o Manual, em que medida lhe será útil e com que finalidade foi escrito.

Verificou-se que quando o alfabetizador conhece outro material informativo (como por exemplo, aquele que traz a explicação do trabalho com a dezena), este é utilizado, sem que o Manual seja ao menos previamente consultado.

Mais de 60% dos alfabetizadores da 3ª etapa utilizam outros materiais na preparação de aula, seja material do ensino regular, material do MOBRAF ou outros.

Nesta questão da indefinição de objetivos, vale a pena ressaltar que este problema se encontra também no detalhamento de cada unidade; a partir do momento em que não é explicado/explicitado para o alfabetizador o objetivo pedagógico de uma determinada unidade e sua lógica na seqüência das matérias dadas, surgem problemas variados. No contato com o campo, percebeu-se que os alfabetizadores muitas vezes não respeitam a seqüenciação temática das unidades, justamente por não estarem informados acerca de seus objetivos e do porquê de sua posição no Livro-Caderno ser aquela e não outra qualquer.

Assim, em algumas classes encontramos professoras trabalhando com exercícios relativos a assuntos que ainda não haviam dado em sala, alterando a gradação de dificuldade prevista tanto pelo Manual quanto pelo Livro-Caderno, no intuito de "enriquecer" e variar os tipos de exercício, conforme recomendação do Manual. Em outros lugares, presenciamos agentes "adiantando" matéria, ou seja, dando assuntos que estão mais além na seqüenciação das unidades para alunos mais adiantados e, desta forma, pulando passos que certamente deixarão lacunas e falhas na aprendizagem destes alunos.

Argumenta-se que, se lhes fosse devida e claramente colocado o que se espera alcançar ensinando determinado assunto antes de outro, os alfabetizadores provavelmente teriam mais cuidado e critério no desenvolvimento das unidades, ao mesmo tempo que adquiririam uma noção mais global de sua tarefa educativa, inclusive sendo capazes de melhor avaliar seus alunos.

Exemplos de exercícios dados por alfabetizadores no 2º mês de convênio:

"Passe para o plural: lote - lata - lula - rato - mão - mãe" (Cabo Frio).

"Escreva 5 palavras com encontro vocálico" (Petrópolis)

"Forme palavras com as famílias das palavras geradoras e as vogais" (Petrópolis)

"Use o ou a: teto e tatu" (Cabo Frio).

Fica parecendo que os alfabetizadores estão "meio perdidos", sentindo necessidade de complementar suas aulas, mas sem saber muito bem o que utilizar.

Se não ficar muito clara a idéia da gradação e seqüenciação, as aulas podem se tornar uma "miscelânea", os exercícios extras vindo prejudicar e não auxiliar a fixação.

Perguntou-se também aos alfabetizadores da 3ª etapa se seriam capazes de dar aula sem a orientação do Manual, e 33,1% declarou que sim, enquanto que o restante reafirma necessitar este apoio. Dos que necessitam o Manual, a maioria aponta que o Livro dá elementos para aula (90 alfabetizadores), enquanto que 35 consideram-no "indispensável". Como outras razões encontramos: "para seguir a metodologia", "para enriquecimento", "para tirar dúvidas".

Quanto aos que não necessitam, 29 declaram ter prática suficiente, tendo sido apontado também que "o Manual não dá base", "Basta o Livro-Caderno e exercícios", "o treinamento foi suficiente", "porque dificultaria", "porque o programa é fácil".

Consideramos que a terça parte dos alfabetizadores poderem dispensar o uso do Manual é um número bastante excessivo e nos vem a questão: será que nossas capacitações, incluindo o Manual, não estão simplificando um trabalho muito difícil, que é educar adultos, somado às próprias dificuldades do método?

Ou será que, por não ser o Manual bastante motivador, não é compreendida sua importância e o alfabetizador o considera dispensável?

A motivação e o interesse no Manual é um tema bastante polêmico. Algumas Coordenações colocam que o material não tem estas qualidades por ser volumoso e repetitivo, mas que se o agente for criativo, conseguirá fazer bom uso do Manual. Novamente recai-se no agente ideal como sendo este o usuário do Manual.

. A Clientela do PAF

Outra função de um manual pode ser proporcionar ao alfabetizador um perfil do aluno com quem vai trabalhar, bem como sugerir alternativas para as atividades de grupo.

A inexistência no Manual de uma definição clara acerca da clientela do PAF gera orientações contraditórias, assim como: "Nesta 1ª fase os alunos imitam a letra do alfabetizador. De sua letra vai depender a boa caligrafia dos alunos" (Manual pág.30). "Após esta conversa, os alunos poderão concluir que as coisas que estão acontecendo hoje, agora, pertencem ao presente" (Manual pág.32); "continuando a aula, vocês podem trabalhar com a noção de tamanho (alto, baixo, maior, menor, grande, pequeno), perguntando: Quem é o mais alto da turma? Quem está com o lápis maior?" (Manual pág.34).

Nota-se, a partir destas orientações, uma possibilidade de infantilização do grupo. Não se justifica acreditar que uma pessoa com mais de 15 anos (e algumas vezes com mais de 60), cuja experiência profissional se concentra em áreas que demandam este tipo de noção, não a possuam. O que se justifica, sim, seria aproveitar efetivamente a experiência que os alunos possuem para enriquecer o processo de aprendizagem da leitura e escrita.

Encontra-se também no Manual: "Você vai descobrir que este aluno traz com ele muitos conhecimentos pelo que já viveu e experimentou. À medida que você aproveita essas experiências como ponto de partida para a aprendizagem de outros conhecimentos, o aluno vai ter mais interesse para aprender, pois vê que está sendo valorizado o que ele sabe" (Manual pág.7).

Nos parece que há uma certa tendência por parte do MOBRAL Central de discursar teoricamente sobre um aluno repleto de experiências/vivências sem, contudo, na prática levar em consideração este aspecto nas orientações dadas ao alfabetizador.

Além disso, discordamos inteiramente que o aproveitar o conhecimento do aluno possa ser apenas uma tentativa de valorização para criar uma suposta motivação. Acreditamos, sim, que os conhecimentos do aluno devam ser relacionados com os elementos básicos e necessários para o aprendizado da leitura e da escrita.

As orientações a respeito do trabalho com a clientela apresentam também a contradição em relação ao desenvolvimento da palavra geradora que pressupõe um trabalho conjunto e único. Como realizá-lo se, na maioria das classes, foi constatada a existência de alunos em diferentes níveis de aprendizagem, estudando palavras geradoras diferentes?

Quando esta contradição torna-se explícita, como ocorreu num treinamento no qual levantou-se uma pergunta sobre o trabalho diversificado, nota-se que o supervisor fica "inteiramente paralisado". Pois o que ele aprendeu foi como desenvolver um trabalho conjunto em sala, e não a adequar o trabalho a diferentes realidades.

. Ideologia

O Manual do Alfabetizador apresenta em seu conteúdo determinados conceitos ideológicos que entram em choque com a clientela a que, de modo geral, se destina. São conceitos que, ao que parece, têm como função não apenas mostrar os hábitos, costumes e atitudes próprios da "cultura" da classe dominante, mas também anular o modo de vida das classes populares.

Se um dos princípios metodológicos do PAF é valorizar e respeitar a vida do indivíduo, resgatando seus valores e incluindo-os, no processo de alfabetização, verificamos que o Manual, além de não cumprir esta função, é contraditório com a mesma. Esta contradição se instaura na medida em que a questão social do

analfabeto não é sequer levantada, indo além, pois passa-se por cima desta e mostra-se o que deve ser ideal em termos de valores para um indivíduo.

Ora, sabemos que deve ser dado ao analfabeto o acesso aos conhecimentos da classe dominante, instrumentalizando-o de maneira que possa refletir e interferir nas contradições sociais. Porém, não é anulando as formas de vida do analfabeto que vamos conseguir tal intento, na medida em que as questões sociais tornam-se a cada dia mais complexas.

Assim, na página 7 do Manual, encontramos: "Para conhecer e compreender melhor esse aluno, é importante saber o que ele faz, as coisas que conhece, do que gosta, o que sente. E compreendendo-o melhor, você vai aceitá-lo como é, respeitando o seu modo de ser e de pensar". Logo adiante notamos que na prática de trabalho sugerida pelo Manual, este tipo de atitude que o alfabetizador deve incorporar é imediatamente posta de lado. Sugerem-se determinadas perguntas que o alfabetizador deve fazer aos alunos: "Quais são os cômodos e divisões de uma casa?; Para que serve cada cômodo da casa?; Quais são os móveis ou objetos próprios de cada cômodo?; Que cômodo da casa é mais importante para vocês? (Manual pág.53).

Em nenhum momento o Manual incita à discussão a respeito de quantos cômodos tem a casa do aluno do MOBRAF, ou mesmo do alfabetizador. Neste caso, parece-nos que o Manual está imbuído de valores que não são próprios da clientela que pretende atingir, incluindo aí professores e alunos. Isto ocorre na medida em que o Manual veicula a idéia de que uma casa deve ter diferentes cômodos com funções determinadas. Caso a casa do aluno não esteja dentro desses padrões, apresenta-se como uma moradia inadequada, formando-se aí o preconceito.

Seria imprescindível que essas perguntas levantassem os diferentes modos de vida, as dificuldades encontradas e as contradições de classe, ajudando, assim, a formação da consciência crítica.

Portanto, percebe-se uma posição ideológica implícita quando, no

Manual, está presente a veiculação de determinados conteúdos aos alunos e, ao mesmo tempo, são omitidas discussões tais como: no tema Trabalho não se aborda qualquer questão referente à produção, ao empregador, empregado, desemprego, etc.; sugere-se apenas que o alfabetizador explique aos alunos o que é a Casa da Moeda; no tema Habitação, as dificuldades das questões de moradia não são sequer mencionadas.

Finalmente, o conceito de participação explicitado no Manual à pág. 175 pode ser redutor, no sentido que se limita à atuação do indivíduo no seu contexto imediato.

Em verdade, a participação das pessoas em nível de sua comunidade é a melhor preparação para a sua participação como cidadãos em nível da sociedade global. Mas, ao se falar em participação, não se deveria esquecer a dimensão mais ampla da participação, que passa pela questão da cidadania.

Além disso, o Manual deveria zelar por uma coerência interna, já que, ao longo deste relatório, muitos indícios apontam para o fato de que ele induz o alfabetizador a um comportamento que estaria, em verdade, bastante longe do verdadeiro modo participativo.

. Conteúdo do Manual

Embora anteriormente as COORD tenham apontado que para a maioria dos alfabetizadores o Manual está adequado, quando se pergunta sobre o conteúdo do mesmo nos parece que há uma série de pontos que precisam ser revistos tanto em relação à atualidade e clareza quanto à precisão e suficiência dos conteúdos.

A seguir colocamos os pontos mais recorrentes levantados nas 3 etapas.

- . Deveria haver maior detalhamento de explicações
- . Ser mais direto e objetivo
- . Ter orientações mais gerais

- . Ter um glossário de palavras desconhecidas
 - . Outras perguntas para trabalho dos temas, pois "as sugeridas são ingênuas e provocam riso dos alunos".
 - . Ter conteúdo de Estudos Sociais
 - . Ser ilustrado
 - . Enriquecer os conteúdos das palavras geradoras
 - . Ter mais textos
 - . Ter conteúdos mais difíceis como cartas, bilhetes, redação, história
 - . Ter sugestão de plano de aula para grupos diversificados
 - . Incluir no início o trabalho com as vogais
 - . Ter um livro de orientações psicológicas — como lidar com o aluno
 - . Vir acompanhado de audiovisuais
 - . Explicar como se faz para todos seguirem o mesmo ritmo e terem mais entusiasmo
 - . Conter o planejamento
 - . Ter explicações em forma de pergunta e resposta
 - . Ter maior clareza em relação à matemática
 - . Conter pequenos textos sobre os temas
 - . Ter conteúdos de gramática.
- . O trabalho com as dezenas é difícil e mal orientado pelo Manual.
- Alguns procuraram soluções em outros livros para poder explicar aos alunos.
- . Deveria haver no Manual mais sugestões de exercícios, ditados e interpretação, para que o professor pudesse utilizá-lo com mais frequência.
 - . Poderia trazer gravuras maiores da palavra geradora que pudessem ser mostradas aos alunos.

Uma monitora se disse satisfeita com a orientação para exploração da palavra geradora exemplificada no Manual, porém não compreende exatamente quando esta deve ocorrer. Sugere que a página do Livro-Caderno seja correspondente à do Manual, ou seja, a cada página do Livro-Caderno deveria corresponder uma página do Manual que contivesse a descrição das tarefas do monitor.

Um outro aspecto apontado pelos alfabetizadores e COORD é que o Manual deveria trazer a resposta dos exercícios (65% dos alfabetizados da 3ª etapa declaram-se a favor).

As COORD dividem-se quanto a esta questão, mas apresentam um ponto em comum: a resposta dos exercícios poderia provocar a acomodação do agente.

Não concordamos em absoluto que as respostas aos exercícios iriam promover esta acomodação: em primeiro lugar porque no 2º convênio o alfabetizador já teria suas respostas e poderia "acomodar-se". Além disso, pelas respostas dadas às palavras do vocabulário, sentimos muito receio pela possibilidade deste agente realmente pesquisar.

Se é ensinado por aí que "Guirlanda é um país da Europa" e que "Romeiro é quem nasce em Roma", talvez fosse melhor garantir um mínimo de qualidade e buscar outras formas de promover o crescimento dos alfabetizadores.

. Estrutura física e aspectos gráficos

Quanto a resistência do material, parece não haver concordância entre as COORD e alfabetizadores.

As COORD estranham que o papel do Manual seja de melhor qualidade que o do Livro-Caderno. Já os alfabetizadores colocam a necessidade de um material mais resistente.

Se houve a intenção de que esse Manual tivesse um caráter mais permanente, é preciso lembrar que a rotatividade dos alfabetizadores

é grande, e que se ele está sendo avaliado é justamente tendo em vista a possibilidade de vir a sofrer reformulação. Sugerimos que se esta avaliação justificar a reformulação do Manual, que seja feita uma nova apresentação (inclusive da capa), no sentido de não identificá-lo com o material antigo, uma vez que isto poderia levar o alfabetizador e não utilizá-lo.

Parece-nos que a disposição em duas colunas, tendo em vista o formato horizontal, é apropriada. Sugerimos que se faça um fio entre as 2 colunas, a fim de facilitar a leitura.

Registramos que o uso da retícula verde dentro de quadros é feito de forma aleatória. O que deveria ser um recurso pedagógico para destaque de informações mais importantes acaba sendo às vezes um desperdício do próprio recurso gráfico, uma vez que a informação destacada não comporta o destaque, pode acabar por confundir o leitor (por exemplo, pág. 43).

6- CAPACITAÇÃO

Pela colocação das COORD a respeito do treinamento ideal para utilização deste material, sentem-se basicamente duas vertentes.

Primeiramente, dar ao alfabetizador condições de ensino, aspecto este muito ligado à metodologia: é enfatizada a vivência do processo, como fator que ajudaria a suprir as dificuldades do agente.

Em menor número, evidencia-se a necessidade de uma análise crítica do material, e até mesmo de outros materiais, colocando-se como primordial o conhecimento anterior deste.

Poucas COORD parecem preocupadas com o conhecimento dos alfabetizadores e como utilizá-lo em sua prática de trabalho. Parece-nos que a vivência da metodologia é uma prática que há muito vem sendo tentada no MOBREAL, sem resultados muito consistentes. Na verdade, para um treinamento eficaz, neste sentido, seriam necessários treinadores que tivessem esta vivência ou conteúdo suficiente que lhes permitisse atender à realidade daquele grupo de alfabetizadores.

Não se discute a necessidade de uma análise crítica do material com conhecimento prévio, mas sentimos que esta análise deveria deter-se também sobre a prática do alfabetizador, procurando buscar suas "verdades" e discuti-las.

Por nossa vivência de campo e os depoimentos dos alfabetizadores que fizeram parte desta amostra, sente-se uma total heterogeneidade, desde aquele que diz não precisar de um manual para ensinar porque tem seu próprio método, até o que o segue passo a passo. Não existem critérios na seleção de material complementar, não existe questionamento do saber do alfabetizador.

Nota-se, por exemplo, na parte do questionário que perguntava sobre o significado das palavras encontradas no Livro-Caderno, que a maioria dos alfabetizadores parecia não questionar seu saber, alguns chegando até a comentar no final que não viam a

utilidade deste tipo de questionário, quando na verdade tinham idéias errôneas a respeito de muitas palavras. Por outro lado, muitos alfabetizadores tinham críticas mais consistentes e pertinentes que a maioria das COORD, a respeito do material.

Nas diversas discussões ocorridas no DETED a respeito do material didático do PAF, apontamos aspectos que não estariam devidamente tratados no Manual, ou por faltar determinado conteúdo, ou por estarem tratados de maneira estática. A isto outros técnicos argumentaram que tais aspectos deveriam ter sido trabalhados na capacitação. Perguntamos em primeiro lugar se o Manual não faz parte desta capacitação. Nos parece que sim e que a capacitação deveria ser pensada globalmente, ou seja, planejada para que o alfabetizador ficasse verdadeiramente preparado para exercer suas funções.

Este processo de capacitação teria que ser iniciado a nível de SUSUG, de tal modo que o subsistema se tornasse não um mero transmissor de passos metodológicos, mas um participante.

Nota-se, em campo, um total cansaço por parte dos SA, num tal nível que chegam a projetar nos alfabetizadores a sua saturação: um SA declarou que não iria tratar de um determinado aspecto, pois todos os alfabetizadores já deveriam estar cansados de saber aquilo — quando, na verdade, mais da metade dos alfabetizadores presentes estava ali pela primeira vez...

Como já colocamos, consideramos que em nossas capacitações, tanto diretas quanto indiretas, não estão sendo dados os recursos necessários para que o alfabetizador possa criticar, escolher opções, extrapolar, criar. Acreditamos que estas atitudes possam até vir a surgir, mas somente a partir de uma capacitação em que a vivência fosse tal que permitisse a sua internalização. É difícil julgar se não se compreende as razões e, muito mais difícil ainda, propor alternativas.

Um dos aspectos mais marcantes que vimos em campo é a questão da "família silábica". Sentimos como se este nome fosse apenas um recurso, sem nenhuma relação com a própria família. É como se a palavra ficasse artificial, como se perdesse a ligação com o que

lhe deu origem, tornando-se apenas um nome que o MOBRAL Central deu às sílabas.

Do mesmo modo, a palavra geradora, os passos de desenvolvimento, tornam-se "lições" repetidas e perpetuadas sem que o alfabetizador entre no processo, pois não compreende nem por que está fazendo aquilo. Sente-se perplexidade frente ao inesperado: "eu segui os passos, fiz tudo direitinho e não adiantou". A solução final é, na maioria das vezes, taxar o aluno de "burro", comentando sobre a sua impossibilidade de aprender.

Nossas capacitações têm limites sérios no que diz respeito ao tempo de que dispõem os alfabetizadores e sua possibilidade de locomoção para o local determinado. Num dos municípios visitados a capacitação durou 3 dias, numa média de 1h 30 min por dia: entre a saída do trabalho da maioria e o último ônibus dos que moravam longe...

Claro está, que o Manual não pode dar conta de todas as necessidades de nossos alfabetizadores. Seria necessário um plano global de capacitação que incluísse capacitações diretas e indiretas, projetando os conteúdos que seriam veiculados pelo Manual, pela Revista de Adultos etc. — buscando uma otimização dos recursos de que dispomos. Dentro deste plano, o Manual teria um papel a cumprir, não se justificando o planejamento da capacitação direta para suprir as deficiências de outro instrumento de capacitação.

Torna-se, também, necessário buscar uma maior capacitação dos elementos da COMUN e supervisores. Sentimos, nas COMUN visitadas muita pouca preocupação com o aspecto pedagógico: as supervisões limitam-se a uma constatação da presença de alunos em classe. No entanto, ao ser devolvido o que observamos nas primeiras viagens, sentiu-se que os supervisores ficaram surpresos e fascinados ante questões nunca levantadas, por exemplo: "o que é um aluno alfabetizado?"

Considerando que todos os supervisores desta COMUN têm pelo menos o 2º grau e são professores da rede regular, tal situação pode retratar um significativo desperdício de recursos humanos.

Desta forma, talvez fosse, também, necessário um material que melhor capacitasse os supervisores municipais e desse sugestões para reuniões de realimentação, as quais muitas vezes não contam com a presença dos SA.

IV - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Nossas conclusões e recomendações serão baseadas nos pontos mais cruciais desta avaliação, não se detendo em itens muito específicos de conteúdo do material.

Não há a menor dúvida que a maioria das COORD e dos alfabetizadores consideram tanto o Livro-Caderno quanto o Manual bastante satisfatórios, salvo algumas observações já assinaladas. Acreditamos que seu posicionamento seria o de reformular este material, mas não de partir para um novo. .

Antes, no entanto, de iniciarmos as conclusões que dizem respeito às reformulações que este mesmo material poderia sofrer, gostaríamos de voltar ao assunto da metodologia.

Temos alfabetizadores com limites bastante evidentes, utilizando um método que exige criatividade e segurança.

Temos alfabetizadores que aprenderam o B-A BA, tendo que ensinar pelo método da palavração.

Temos classes com alunos em diversos níveis e uma proposta de trabalho conjunto.

E assim poderíamos continuar, mostrando as dificuldades que nós mesmos criamos. Percebemos a necessidade da existência de um material nacional — mas, como escolher palavras adequadas? Como respeitar uma gradação no estudo das sílabas e encontrar palavras que sejam conhecidas, que tenham relação com a realidade do aluno, mas que surjam das necessidades básicas? Como se dá a funcionalidade no conteúdo de matemática? Como tornar um QVL funcional?

Por que a funcionalidade tem que estar necessariamente ligada ao conteúdo? Parece até que, uma vez ligada a este, a funcionalidade deixa de ser uma questão de postura do alfabetizador. Esta postura tão necessária — a de integrar o aprendido com o vivido — não se resolve na escolha de palavras geradoras.

Isto recai na questão do material como um meio auxiliar ou como um fim em si mesmo. Na verdade, sentimos que o material é pensado como um meio e elaborado como um "fim". O material só pode ser um meio auxiliar e temos que zelar para que não se torne um agente perturbador.

Acreditamos que a alfabetização tem muito mais sentido enquanto funcional, mas que ela só se torna funcional na medida em que o agente é capaz de promovê-la. Optamos, então, por torná-lo capaz.

Esta capacitação não tem relação direta com o material do aluno, mas sim, como preparar o alfabetizador para melhor exercer suas funções.

Nesse sentido, o Manual é parte importante do processo e acreditamos que grande parte de nossas atenções devem se voltar para ele, deixando ao Livro-Caderno a função meio.

Recomendamos, então, primeiramente:

- . que se repense o método, inclusive no sentido de verificar se a palavração é a melhor solução;
- . que a funcionalidade deixe de estar centrada na Palavra Geradora, voltando-se para a atitude do alfabetizador;
- . que o Livro do aluno tenha a preocupação de instrumentalizar da melhor maneira possível;
- . que o Manual do Alfabetizador seja um verdadeiro instrumento de capacitação, dando elementos ao agente para uma alfabetização funcional.

A partir das colocações dos alfabetizadores e COORD e as nossas observações, sugerimos, então, em relação ao Manual:

- . que seja feito um projeto para sua elaboração que traga claro seus objetivos, a clientela a que se destina, que metodologia será utilizada. Um projeto que estabeleça pontos de referência que permitam garantir a coerência interna do Manual;

- . que este material se preocupe com dois aspectos básicos:
a instrumentalização do alfabetizador em relação ao conteúdo e aos aspectos pedagógicos;
- . quanto aos aspectos do conteúdo, relacionamos, entre outros:
a resposta aos exercícios, o glossário de palavras, a sugestão de outros exercícios e atividades, etc;
- . quanto aos aspectos pedagógicos: manejo de classe, didática adequada ao trabalho com o adulto analfabeto, ligação entre o aprendido e o vivido (a funcionalidade), objetivos do programa;
- . que o Manual traga muito claro para que foi escrito, como deve ser lido e aproveitado;
- . que sejam também explicadas e especificadas as noções de gradação e seqüenciação, permitindo ao alfabetizador criar outros exercícios e atividades, conservando, no entanto, a coerência;
- . que o Manual seja verdadeiramente autocapacitador, ficando a capacitação direta com outras funções;
- . que o Manual não precise ser utilizado conjuntamente com o ROA.

Em relação ao Livro-Caderno, independente de qualquer mudança radical do método que implicaria num novo material, o atual, para ser conservado teria, em nosso entender, que sofrer algumas reformulações:

- . A primeira palavra geradora parece ser muito complicada por causa da família silábica do j. Das sugestões enviadas, "VIDA" nos parece ser a mais adequada.
- . Aumento do número de exercícios tanto de linguagem quanto de matemática.
- . Maior número de textos, com conteúdo mais ligado à realidade do aluno.
- . Reformulação da gradação de matemática, e busca de alternativas para o QVL.

. Separação da linguagem e matemática, uma vez que qualquer tipo de integração nos parece artificial.

Claro está que os aspectos acima citados, tanto do Manual quanto do Livro-Caderno, não esgotam os aspectos que deveriam ser considerados na reformulação. Ao longo dos 2 relatórios estes aspectos foram levantados e analisados, mas optamos por colocar aqui os pontos mais abrangentes.

Resta uma questão a ser considerada que diz respeito às necessidades de capacitação. Sentimos muito fortemente, ao longo deste trabalho, que a avaliação não é vista como uma realimentação, dando subsídios para a tomada de decisões. Este fato foi notado em todos os níveis e mais especialmente a nível de COORD. Esta equipe se surpreende de que tendo escrito um primeiro relatório com mais de 100 páginas, contendo críticas consistentes a respeito do material, possa receber avaliações de COORD que não continham uma só colocação — tudo satisfaz, não há possibilidade de um material melhor.

Em relação aos alfabetizadores, poucos são os que se colocam, mas os que têm críticas a fazer, na sua maioria, o fazem consistentemente.

Quer nos parecer que o problema é institucional. Será que não é o momento de nos capacitarmos melhor para que a avaliação se torne um instrumento de trabalho e não se restrinja à atuação de uma equipe?

Ao Central, perguntamos: — será que damos abertura para esta atitude crítica que deve começar pela autocrítica?

ROTEIRO PARA A ANÁLISE DO MANUAL DO ALFABETIZADOR (*)

Este roteiro deve ser analisado considerando:

- . a metodologia do PAF,
- . os objetivos terminais,
- . a clientela diversificada a que se destina o programa,
- . a diversidade dos alfabetizadores,
- . a necessidade de capacitação.

1. ORGANIZAÇÃO

1.1. - Estruturação:

A - Quanto as orientações gerais (aquelas que extrapolam a utilização do Livro-Caderno).

B - Quanto as orientações específicas para o trabalho no Livro-Caderno (página a página).

2. UTILIZAÇÃO

2.1. - Possibilidade do Manual ser auto-capacitador.

2.2. - Necessidade da existência do Manual do Alfabetizador.

2.3. - Pertinência da utilização conjunta do Manual e do ROA.

3. CONTEÚDO

3.1. - Adequação do Manual.

3.2. - Atualidade do conteúdo.

3.3. - Precisão do conteúdo.

3.4. - Adequação com os exercícios propostos no Livro-Caderno.

(*) Este Manual pressupõe a utilização do ROA.

3.5. - Quanto às orientações (especificamente):

- A - suficiência
- B - compreensibilidade
- C - pertinência
- D - grau de dificuldade.

3.6. - Tratamento dado ao trabalho com as palavras geradoras, segundo os princípios metodológicos.

3.7. - Seleção dos temas das palavras geradoras.

3.8. - Apresentação das unidades com duração pré-definida.

3.9. - Seleção das mensagens figurativas.

3.10. - Adequação das ilustrações ao conteúdo.

3.11. - Grau de interesse e motivação.

3.12. - Ideologia implícita e explícita.

4. CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS

4.1. - Capa

4.2. - Distribuição dos elementos gráficos na página

- (A - paragrafação,
- (B - margeamento,
- (C - linhas - extensão e entrelinhamento,
- (D - emprego de fios, chapadas, quadros e tarjas,
- (E - aproveitamento de espaço na página
- (F - equilíbrio texto x ilustração).

4.3. - Letras

- impressas (tamanho, corpo, tipo)
- cursivas
- itálico (letra deitada) para destacar palavras e textos.

4.4. - Qualidade do papel (miolo e capa)
(resistência do material).

4.5. - Uso da cor.

- . para ressaltar ilustrações
- . para ressaltar textos.

4.6. - Hierarquização dos títulos e subtítulos.

4.7. - Número de páginas.

4.8. - Adequação do formato.

ROTEIRO PARA A ANÁLISE DO LIVRO-CADERNO (Volume I e II)

O material deve ser analisado considerando:

- . a metodologia do PAF;
- . os objetivos terminais;
- . a clientela diversificada a que se destina o livro-caderno (realidades regionais, idade e sexo).

1 - ORGANIZAÇÃO

1.1 Estrutura física da obra (livro-caderno em 2 volumes).

1.2 Estruturação em unidades, aulas de revisão, e textos finais (volume II).

1.3 Apresentação de conteúdos de linguagem e matemática no mesmo livro.

1.4 Apresentação do abecedário (volume I), dos algarismos (volume I) e das sílabas (volume I e II) no final.

2 - UTILIZAÇÃO

2.1 Possibilidade do livro-caderno ser utilizado sem um manual.

3 - CONTEÚDO

3.1 Quanto ao conteúdo geral de linguagem e matemática.

A - adequação

B - atualidade

C - precisão

D - sequenciação

E - organização segundo os passos metodológicos (linguagem)

F - seleção das mensagens escritas e figurativas

G - apresentação das mensagens segundo diferentes formas de expressão (poesia, música, jornal, etc.)

H - adequação das ilustrações.

I - insuficiência.

3.2 Seleção das palavras geradoras.

3.3 Seleção das palavras subgeradoras (por exemplo: pg. 132 a palavra ALOMOÇO).

3.4 Seleção de Frases e Textos.

3.5 Seleção dos Textos finais.

3.6 Quanto aos exercícios de linguagem e Matemática:

A - Relação com o conteúdo

B - Suficiência

C - Grau de dificuldade

D - Relação das ordens com os objetivos dos exercícios

E - Compreensibilidade das ordens.

3.7 Número de aulas por unidade.

3.8 Adequação das aulas de revisão.

3.9 Correção da linguagem utilizada.

3.10 Seleção das ilustrações:

A - da palavra geradora

B - das demais palavras, expressões etc. ...

C - das atividades de matemática.

3.11 Grau de interesse e motivação.

3.12 Possibilidade de ingresso posterior no PEI.

3.13 Ideologia implícita e explícita.

4 - CARACTERÍSTICAS GRÁFICAS

4.1 Capa

4.2 Distribuição dos elementos gráficos na página:

- A - paragrafação
- B - margeamento
- C - linhas — extensão e entrelinhamento
- D - emprego de fios, chapadas, quadros e tarjas
- E - aproveitamento de espaço na página
- F - equilíbrio texto x ilustração.

4.3 Letras — impressas (tamanho, corpo, tipo) — itálico (letra deitada) nas ordens e solicitações — cursivas

4.4 Qualidade do papel (miolo e capa) (Resistência do material, resistência ao apagar)

4.5 Uso da cor (branco, preto, verde) para :

- A - ressaltar as sílabas e famílias silábicas em estudo pela 1ª vez
- B - ressaltar as ilustrações
- C - ressaltar palavras, expressões, textos e exercícios
- D - uso do recurso de letras e números mais claros (cinza) nas atividades de cobrir.

4.6 Hierarquização dos títulos e subtítulos.

4.7 Suficiência de espaço para resolução dos exercícios.

4.8 Disposição das atividades de linguagem e matemática na página.

4.9 Adequação do formato.

4.10 nº de páginas.

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO ATUAL MATERIAL DIDÁTICO DO PAF
(livro-caderno e manual do alfabetizador)

As respostas podem ser dadas individualmente ou através da formação de uma equipe que discuta os assuntos, ficando a decisão a critério da COORD.

Solicitamos que a Coordenação responda ao questionário numa folha à parte, respeitando a numeração indicada. Caso a Coordenação tenha outras considerações a fazer, pedimos que as registre no final.

01. Em que âmbito essa Coordenação está utilizando o novo material didático? (todas as classes, apenas algumas, especifique)
02. Recebeu treinamento do MOBRAL Central em relação ao novo material?
03. Como seria um treinamento ideal para a utilização desse novo material?
04. Qual a sua opinião a respeito da estrutura do livro-caderno (2 volumes)?
05. O que acha da estrutura em unidades e aulas de revisão?
06. Qual a sua opinião a respeito da apresentação de conteúdos de linguagem e matemática no mesmo livro?
07. O que você acha do abecedário (vol. I), dos algarismos (vol. I) e sílabas (vol. I e II)?
08. Os conteúdos de linguagem são adequados no que se refere à: gradação, seqüenciação, suficiência, clareza, seleção das mensagens, etc.?
09. Os exercícios de linguagem são adequados no que se refere à: gradação, seqüenciação, suficiência, clareza, etc.?
10. Na sua opinião há suficiência de espaço para a resolução dos exercícios?
11. As frases e os textos são em número suficiente para o aprendizado da leitura?
12. Na sua opinião a 1ª. palavra geradora - TITULO - é adequada para o início do processo de alfabetização? Se não, que palavra sugeriria?
13. Os conteúdos de matemática são adequados no que se refere à: gradação, seqüenciação, suficiência, fixação, clareza, etc.?
14. Os exercícios de matemática são adequados no que se refere à: clareza, fixação, gradação, etc.?
15. O que acha das ilustrações do livro-caderno?
16. O que acha do papel do livro-caderno (miolo e capa)?
17. O que seria um livro-caderno ideal?
18. Considera o manual adequado para a maioria dos alfabetizadores dessa COORD?

19. Acha necessária a existência do manual?
20. Considera o manual autocapacitador?
21. O que acha da utilização conjunta manual X ROA?
22. O que acha do conteúdo do manual (atualidade, precisão, clareza, suficiência)?
23. Você acha que o manual deveria trazer as respostas dos exercícios do livro-caderno?
24. O manual desperta interesse e é motivador?
25. O que acha da apresentação das unidades com duração predefinida (por exemplo, os 9 dias para a UNIDADE TIJOLO)?
26. O que seria um manual ideal?
27. O que acha dos elementos gráficos do manual e do livro-caderno (linhas, fios, espaços)?
28. Qual a sua opinião sobre o tamanho e a forma das letras do manual e do livro-caderno?
29. Na sua opinião os alunos chegarão ao final do livro-caderno dentro do período previsto no convênio?
30. Ao final do livro-caderno o aluno estará apto a ingressar no PEI?



Avaliação do material didático do Projeto de Alfabetização Funcional (questionário ao alfabetizador)

I — Dados gerais

1. Coord (sigla): _____ Município: _____

2. Zona (da classe): ☐ Urbana ☐ Rural

3. Escolaridade do alfabetizador (último ano

cursado): _____

4. Tempo como alfabetizador do Mobral (em
convênios, incluindo o atual):

☐ 1º convênio

☐ 2º ou 3º convênios

☐ 4º ou mais

5. Mês de início das aulas: _____

6. Duração do convênio:

_____ meses, com _____ horas
de aula (total)

7. Número de alunos:

Freqüentando _____

Quantos nunca freqüentaram a escola _____

8. Recebeu treinamento em relação ao novo
material?

☐ Sim Tempo de duração: _____ horas

☐ Não

9. Em que mês do convênio recebeu o livro-caderno?

10. Em que mês do convênio recebeu o manual?

II — Dados sobre o material

(usar o espaço em branco, nas páginas 5 e 6, quando as justificativas e outras informações não couberem nas linhas)

11. Todos os alunos receberam o livro-caderno?

☐ Sim

☐ Não

Quantos? _____

12. Você já leu o manual?

☐ Todo

☐ Em parte

☐ Não leu

13. Com que freqüência você utiliza o manual?

☐ Diariamente

☐ Antes do início de cada unidade

☐ Quando sente dificuldade

☐ Não utiliza

Por quê? _____

14. No seu trabalho de planejamento de aula, você utiliza:

- ☐ Livro-caderno
- ☐ Manual
- ☐ ROA

15. Você utiliza outros materiais no seu trabalho de preparação de aula?

- ☐ Não utiliza
- ☐ Utiliza material do ensino regular
- ☐ Utiliza outro material do Mobral
- ☐ Utiliza outros materiais Quais? _____

Justifique: _____

16. Você acha que poderia dar aula sem as orientações do manual?

- ☐ Sim
- ☐ Não Por quê? _____

17. Acha necessário que o manual traga as respostas dos exercícios do livro-caderno?

- ☐ Sim
- ☐ Não

18. Como você conduz a aula?

- ☐ Dá aula única, igual para todos os alunos
- ☐ Dá aula única com atendimento individual aos alunos atrasados
- ☐ Não dá aula única, fazendo atendimento diversificado

19. Você costuma seguir a seqüência do livro-caderno?

- ☐ Sim
- ☐ Não Por quê? _____

20. Você escolheria a palavra tijolo como a 1.ª palavra geradora?

- ☐ Sim
- ☐ Não Qual seria a 1.ª? _____

Justifique: _____

21. Você considera que o fato de o livro-caderno conter linguagem e matemática no mesmo livro e em páginas alternadas:

- ☐ É indiferente --
- ☐ Facilita o trabalho
- ☐ Dificulta o trabalho
- Como você gostaria que fosse? _____

22. Como você divide o tempo para linguagem e matemática?

- ☐ Uma parte da aula para linguagem, outra para matemática
- ☐ Um dia dá só linguagem, outro dia dá só matemática
- ☐ Outra forma Qual? _____

23. Você considera que os exercícios do livro-caderno são em número suficiente para a aprendizagem dos alunos?

- ☐ Sim
- ☐ Só os de linguagem
- ☐ Só os de matemática
- ☐ Não Por quê? _____

24. Os exercícios ajudam na fixação da aprendizagem?

- ☐ Sim
- ☐ Não Por quê? _____

25. Para os alunos os exercícios são:

- ☐ De fácil execução
☐ De difícil execução Exemplo (página): _____

26. Os enunciados dos exercícios são claros para você?

- ☐ Sim
☐ Não Se não são claros, dê exemplo (página): _____

27. As frases e os textos são em número suficiente para o aprendizado da leitura?

- ☐ Sim
☐ Não

28. Os conteúdos de linguagem estão numa gradação adequada a seus alunos?

- ☐ Sim
☐ Não Por quê? _____

29. Os conteúdos de matemática estão numa gradação adequada a seus alunos?

- ☐ Sim
☐ Não Por quê? _____

30. O abecedário que está no final do livro-caderno está sendo utilizado?

- ☐ Sim Como? _____

- ☐ Não Por quê? _____

31. As sílabas que estão no final do livro-caderno estão sendo utilizadas?

- ☐ Sim Como? _____

- ☐ Não Por quê? _____

32. Os algarismos que estão no final do livro-caderno estão sendo utilizados?

- ☐ Sim Como? _____

- ☐ Não Por quê? _____

33. Seus alunos têm dificuldade de ler algum tamanho de letra do livro-caderno?

- ☐ Sim Exemplo (página): _____
☐ Não

34. O papel utilizado no livro-caderno resiste ao manuseio pelos alunos?

- ☐ Sim
☐ Não

35. A capa resiste ao manuseio?

- ☐ Sim
☐ Não

36. O formato horizontal do livro-caderno:

- ☐ Facilita o manuseio
☐ Dificulta o manuseio
☐ Facilita a escrita
☐ Dificulta a escrita
☐ Indiferente

37. Os espaços reservados para a resolução de exercícios são suficientes?

- ☐ Sim
☐ Não

38. No fim do convênio os alunos terão chegado ao final do livro-caderno?

☐ Sim Quantos? _____☐ Não Quantos? _____

39. Você considera que seus alunos aprovados serão capazes de ingressar no supletivo?

☐ Sim

☐ Não Por quê? _____

40. Como você desejaria que fosse o material do aluno?

41. E o manual do alfabetizador?

This image shows a single page of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or printed text on the page.

III — Dados sobre o vocabulário

(a serem preenchidos pelo alfabetizador)

OBS.: Esta parte do questionário consta de uma listagem/palavras retiradas do livro-caderno. Queremos saber se estas palavras são conhecidas ou usadas por você.

Marque uma das 4 opções; se você marcar que sabe o que é, deve dar um sinônimo ou uma explicação no espaço reservado.

42. Juta

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

46. Berruga

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

43. Sapo

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

47. Ansiedade

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

44. Dália

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

48. Silo

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

45. Barrica

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

49. Azeite

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

50. Choça

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

55. Cevada

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

51. Ressaca

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

56. Arruela

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

52. Caçula da família

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

57. Faquir

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

53. Bêto

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

58. Quermesse

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

54. Bodega

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

59. Aquático

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

60. Quati

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

65. Arrobanhou

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

61. Quarteto

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

66. Galinha à cabidela

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

62. Erva nociva

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

67. Marujo

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

63. Arrimo de família

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

68. Rusta

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

64. Ordenhei

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

69. Romeiro

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

70. Casulo

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

71. Gim

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

72. Embornal

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

73. Maraca

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

74. Samburá

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

75. Aniagem

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

76. Aprumar

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

77. Maxixe

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

78. Capixaba

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

79. Harpa

- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar

- ☐ sei o que é: _____

80. Esbelta

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

85. Saldo

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

81. Zeloso

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

86. Cheque ao portador

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

82. Guizo

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

87. Cheque nominal

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

83. Guelra

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

88. Platina

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

84. Guirlanda

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

89. Fitor

- ☐ nunca ouvi falar
☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

99. Pleito Eleitoral

☐ nunca ouvi falar

☐ já ouvi falar, mas não sei o que é

☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

- ### 99. Pleito Eleitoral
- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____

01. Silhueta

☐ nunca ouvi falar

☐ já ouvi falar, mas não sei o que é

☐ sei o que é, mas não sei explicar

☐ sei o que é: _____

- ## 01. Silhueta
- ☐ nunca ouvi falar
- ☐ já ouvi falar, mas não sei o que é
- ☐ sei o que é, mas não sei explicar
- ☐ sei o que é: _____
- _____

Há alguma coisa mais que você gostaria de nos dizer?